

O CULTO

OPÚSCULO II

APÊNDICE I - LOUVOR

APÊNDICE II - ORAÇÃO

Rev. Onezio Figueiredo

“Deus é Espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.24).

ÍNDICE

- 01 - Apresentação: Mary Cleme Silvério Neves
- 02 - Definição
- 03 - Terminologia
- 04 - Expressões cúlticas de Israel
- 05 - Expressões cúlticas da Igreja
- 06 - Igreja, um santuário
- 07 - O Culto da Igreja
- 08 - Conjunto litúrgico
- 09 - Conjunto diacônico
- 10 - Artes litúrgicas
- 11 - Estética dirigencial
- 12 - Estética templária
- 13 - Liturgia cristã, herança judaica
- 14 - Liturgia sinagoga
- 15 - Ordem do culto sinagoga
- 16 - O que Deus que convoca
- 17 - Culto, realização do Espírito
- 18 - Modelo litúrgico
- 19 - Fundamentos litúrgicos da Didaquê
- 20 - Liturgia segundo Justino Mártir
- 21 - Liturgia no fim do III século e início do IV
- 22 - Culto calvinista
- 23 - Calvino e o Culto
- 24 - Ordem do culto calvinista
- 25 - Culto segundo as normas de Westminster
- 26 - Liturgia segundo O livro de Oração Comum
- 27 - Lições para a Igreja hoje
- 28 - Ordem psicológica do culto
- 29 - Templo, trono de Deus
- 30 - Liturgia da Oração Dominical
- 31 - Importância da ordem psicológica do culto
- 32 - Bibliografia
- 33 - Apêndices I - Lourvor
- 34 - Apêndice II - Oração

01 - Apresentação

A liturgia, por vezes, tem sido incompreendida, gerando estéreis polêmicas, que culminam em divisões nas igrejas com algumas pessoas buscando novidades na forma de cultuar a Deus.

Este trabalho do Rev. Onezio Figueiredo surge num momento oportuno historicamente importante. O frio formalismo “presbiteriano” bem como o barulhento “pentecostalismo” têm sido rechaçados na busca do equilíbrio.

Tenho oportunidade de vivenciar a proposta do autor, participando dos cultos dominicais da Igreja Presbiteriana Ebenézer de São Paulo, pastoreada por ele. Às diferentes faixas etárias, a partir das crianças, é oportunizado o serviço da liturgia, entendida como “função de muitos e ação de todos”. Há música vocal e instrumental de boa qualidade, orações, leituras bíblicas, proclamação da palavra, e a postura de que “diante de Deus... submissão, respeito, consagração e reverência”.

É um grande privilégio apresentar um trabalho teórico do qual tenho vivenciado a prática.

O autor, Rev. Onezio Figueiredo, é muito feliz em definir de forma objetiva, prática e com profundo conhecimento histórico e teológico o culto a Deus, resgatando suas raízes a partir das expressões cúlticas de Israel. Segundo o propósito do autor: “A Igreja que não esquece o caminho por onde passou, saberá, com certeza, onde está e para onde vai”.

Este trabalho, mais completo que o primeiro opúsculo, publicado em 19991, e já na terceira edição, é leitura tranqüila e interessante para ser digerida em pouco tempo.

No final, excelente apêndice sobre outro tema atual, polêmico e pouco compreendido: Louvor.

A leitura é uma forma indireta de conhecer o pensador, Rev. Onezio Figueiredo.

Tenho a honra e o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, ser sua ovelha, conviver com sua família e desfrutar da experiência e conhecimento teológico desse irmão, um pouco mais velho, mas inteiramente criança na dependência do Soberano Senhor Jesus Cristo, a quem servimos.

São Paulo, abril de 1994

Ass.: Mary C. S. Neves.

Nota: Mary é Assistente Social. Exerceu sua profissão na Prefeitura de São Paulo, capital, com extraordinária eficiência e elevada proficiência. Ocupou vários postos de liderança e cargos de confiança. É musicista de grandes méritos, regente coral de primeira linha, técnica em Organização de Eventos, e uma de nossas auxiliares no ministério litúrgico da Igreja. Casada com o Presbítero Adilson Neves, mãe de dois filhos e uma filha; todos na Igreja, e ativos.

02 - Definição de Culto

Culto: Serviço prestado a Deus pelo salvo e pela comunidade em todas as atividades vitais e existenciais. Servir é a condição essencial do servo. No primeiro caso, trata-se da atividade constante do real servidor de Deus, que o serve de dia e de noite com sua vida, testemunho, profissão e adoração. No segundo, tem-se em vista a liturgia comunitária, a adoração dos irmãos congregados, o ser e a voz da Igreja.

03 - Terminologia

Todas as palavras gregas para culto significam trabalho, serviço prestado a um superior,

serviço prestado a Deus. Culto, portanto, como ficou definido, é um **serviço que se presta a Deus**. Muitos, modernamente, entendem que culto é “invocação da divindade”, para que o Deus invocado se coloque a serviço dos invocadores. Outros pensam que culto é uma festa espiritual com o objetivo de alegrar os fiéis. Quanto mais festivo, mais “espiritual” é o culto, pensam os ludinistas. Os idólatras acham que culto é veneração e adoração do divino consubstanciado ou materializado em ícones, que lhes servem de símbolos e objetos de fé. Há os que revivem os cultos orgíacos do paganismo greco-romano. Outros ressuscitam o dualismo persa da luta do deus do bem contra o deus do mal, do Espírito Santo contra o espírito satânico. A doutrina do satanismo versus divinismo substitui a pessoa do pregador pela do exorcista; e o culto se transforma numa batalha entre Deus e Satã. Alguns, não poucos, entendem que culto é uma reunião de pedintes de bênçãos espirituais e materiais, mais estas que aquelas. Os que mais pedem são os que menos servem. Numerosos hoje, a maioria inconscientemente, transformam o culto numa sessão ordenatória e de cobrança na qual o homem poderoso, supercrente, pela fé positiva e pela palavra autoritativa, exige do Criador respostas unicamente positivas às suas petições e lhe cobra os direitos que, na qualidade de filho, possui por criação e por natureza. É o suserano comandando o Soberano. Crença absurda, mas popularíssima entre os carismáticos “prosperistas”.

No espaço sagrado, uma propriedade exclusiva de Deus, onde o culto se realizava em Israel, não havia lugar para “manifestações demoníacas”, pois aí Deus se manifestava, e exclusivamente ele, não como escravo dos adoradores, mas como Senhor soberano e absoluto em santidade, sabedoria, grandeza, bondade, justiça e poder.

Os principais termos conotadores e denotadores do culto são:

01 - Douleo:

Serviço escravo do “doulos”, sem qualquer direito pessoal, trabalhista, salarial; e mais, sem livre arbítrio. O escravo e sua produção pertenciam ao seu senhor. Tudo que um escravo faz é para riqueza e glória de seu senhor. O crente é “doulos” de Deus, um cultuador, portanto.

02 - Therapeuo:

Serviço voluntário, sem remuneração; geralmente exercido na área caritativa ou no serviço público, mas sempre de cunho social. O “therapeuta” era livre para “doar” o seu trabalho como expressão de amor fraternal e comunitário.

03 - Hypereteo:

Serviço de remador; remar como escravo sob comando imperativo do administrador da embarcação. Era um trabalho de ação sincronizada, conforme o grito de cadenciamento do dirigente. O “hyperetês” era um dentre vários, mas seu trabalho sincrônico compunha a força conjunta de maneira indispensável. O navegar do barco na velocidade ideal e na direção proposta dependia da união e do esforço harmônico de todos.

04 - Diaconeo:

Serviço fundamentado unicamente no amor, na consagração, na abnegação. Diácono é aquele que serve sem esperar qualquer tipo de retorno como recompensa, reconhecimento, gratidão. Serve-se, movido pelo amor ao próximo, jamais por venalidade, publicidade ou ostentação.

05 - Leitourgeo:

“Leitourgeo” vem de “laos”, povo, e “ergon”, trabalho; o que se faz em benefício da comunidade. Significa, portanto, prestação de serviço público, nobre ou não, tanto no palácio real

como no templo. “Leitourgos”, no âmbito religioso, era quem se dedicava exclusivamente ao serviço do templo quer na ordem cerimonial e ritual quer na manutenção e administração do imóvel, dos móveis e dos objetos consagrados a Deus e destinados ao culto.

06 - Latreuo - Latreia:

Serviço sacerdotal, o que oferece sacrifício a Deus, o que promove intermediação religiosa, o que se oferta em adoração. “Latreia” sofreu conotações diferentes em decorrência do uso que dela faz o romanismo. O culto romano divide-se em três modos de adoração: “Hiperdulia”, o culto que se presta a Deus e ao “Santíssimo Sacramento”, especialmente à hóstia que, pela transubstanciação diviniza-se e se vitaliza, igualando-se a Deus, merecendo a mesma honra. A hóstia deificada é também chamada de “Corpus Christi”, corpo de Cristo. “Dulia” (de doulos) é o culto prestado à Virgem Maria. Por esta ordem se vê que a Virgem ocupa o segundo lugar na hierarquia divina, uma semideusa. “Latria”, culto que se presta aos santos. A palavra “latria” vem de “latron”, salário. Era, portanto, originalmente, trabalho assalariado, não escravo.

Todo trabalho do cristão, no templo ou fora dele, realizado com dedicação, eficiência e consagração, é culto ao Criador e Salvador. A adoração é filha da mordomia.

04 - Expressões Cúlticas de Israel

01 - Clericalismo e laicismo:

Sendo uma nação santa, um povo teocrático, todas as festas de Israel tinham sentido duplo integrado: Civil e religioso. A liturgia, pois, se realizava clericalmente no templo, especialmente no Santo dos Santos, e laicamente, embora sob orientação sacerdotal, no exterior do recinto sagrado. O culto do altar, clerical por excelência, tinha formas rígidas em seu ritual ordenado e organizado por Deus. O culto laico, exercido nas festas sagradas, efetivava-se com mais liberdade de ação e expressão, onde a religiosidade confundia-se com o civismo, especialmente na hinologia salterial. O leigo não tinha acesso ao lugar santo, mas isso não lhe impedia de ser um adorador de Javé, à parte do ritualismo sacrificial em que se fazia representar pelo sacerdote.

Os simbolismos do culto sacerdotal realizaram-se e se concretizaram em Cristo Jesus e são rememorados na mesa da eucaristia, no púlpito do profeta, na congregação confessante, na comunidade que recebe o perdão do Salvador, no coral dos novos levitas, os cantores da Igreja sacerdotal. A essencialidade do culto de Israel preserva-se na Igreja: A adoração; a confissão; o sacrifício de Cristo tipificado na Ceia; o sacrifício do crente efetivado por sua dedicação a Deus (Rm 12.1,2); a confissão de pecados, individual e comunitária; o perdão recebido mediante o sacrifício do Cordeiro; a gratidão em expressões gratulatórias e em oferendas; o louvor.

02 - As festas:

As festas de Israel eram memorativas, comemorativas, consagra-doras e sacramentais. A três delas todos os israelitas tinham a obrigação de comparecer:

- a. **Páscoa:** Comemoração seguida da festa dos pães asmos, rememorando a saída do Egito e a dádiva da Terra da Promissão. Conteúdo: Lembrança do sofrimento sob a escravidão faraônica e da libertação, além de rememorar o pacto mosaico, gerador da nação israelita. Comemorava-se do dia 14 a 21 de “nisan”.

- b. Festas do Pentecostes e das Semanas:** Comemoração no mês de “sivan”, relembrando a dádiva da lei no Sinai e a bênção das colheitas na nova terra, quando não mais havia famintos. Conteúdo: Renovação do pacto e lembrança da providência divina por meio de todos os atos libertadores de Deus, inclusive nas guerras santas de conquista.
- c. Festa da Expição,** seguida pela dos tabernáculos, nos dias 10 e 15 a 21 de “tishri”, começo do ano civil. Conteúdo: Salvação, peregrinação no deserto e vicariedade de Israel. No dia 10 de “tishri”, o dia da expiação, não podia haver hilaridade litúrgica, pois Israel inteiro estava em contrição, meditação, reflexão e confissão. Era o “dia da tristeza” pela constatação da existência e da persistência do pecado. A festa da expiação era a única em que o Sumo Sacerdote, vestido de branco, entrava no Santo dos Santos para interceder pelo povo.

Além das grandes festas, havia as festas das luas novas, marcando o início de cada mês lunar. Destas, a mais importante era a do sétimo mês (tishri), comemorando a abertura do mês, consagrando-o. Nesta festa também se comemorava o ano novo, o começo do ano civil.

Das festas religiosas com forte conteúdo de civismo não se há de deduzir nenhuma ordem litúrgica, pois o culto organizado, durante as festas, celebrava-se no interior do templo despido de qualquer hilaridade, especialmente o do Dia da Expição. Os salmos refletem as alegrias laudatórias das inúmeras festividades de Israel, sem estabelecer fronteiras nítidas entre o cívico e o religioso, mas separando com muita clareza, nos eventos de adoração, o sagrado do profano.

03 - As Teofanias:

Na consagração do templo de Salomão a glória (shekinah) de Javé desceu sobre o tabernáculo para ali permanecer, marcando a presença de Deus com o seu povo (I Rs 8.2; II Cr 7). No Santo dos Santos, pois, onde estava a arca coberta pelo propiciatório, habitava a “shekinah” de Javé. “O sumo sacerdote ficava sozinho, separado de todo povo, naquele lugar misterioso e sombrio, o mais santo de todos, iluminado apenas pelo brilho das brasas do turíbulo”. “A arca de Deus se achava ali, coberta pelo propiciatório; acima dela, a presença visível de Javé na nuvem de “shekinah” (Edersheim; Festas de Israel, p. 128, União Cultural Editora, SP). Sem a presença teofânica, gloriosa e glorificante de Javé, não havia culto. O Deus de Israel nunca foi um Deus ausente e secundário. Diante de sua glória (shekinah) e majestade o povo prostrava-se em adoração. Todo fiel adorador reconhecia a presença de Javé no templo, seu poder perdoador, sua regência sobre os eleitos; e então lhe prestava culto pela confissão, pela oferta do animal substituto em sacrifício, pela recepção do anúncio sacerdotal do perdão e pela alegria de ser perdoado graciosamente, embora a dádiva do perdão só fosse possível mediante o derramamento do sangue da vítima, morta em seu lugar. O que era símbolo, tornou-se realidade na Igreja, o novo Israel, por meio de Jesus Cristo. Na essência, a liturgia permanece.

A teofania templária esteve na visão dos profetas, provocando neles a reverência e os movimentos cúltricos de quem se defronta com o Todo Poderoso. Caso típico é Isaias 6, além das visões de Ezequiel. Diante do “Majestoso e Numinoso”: Respeito, consagração e reverência absoluta. Perante Deus, espiritualizante por natureza, a espiritualidade do homem aflora, superando, mas não eliminando, a sensorialidade. A sublimação do homem acontece, quando ele é colocado frente a frente com o Sublime, seu Criador, Salvador e Rei. Dissemos que ele “é colocado”, isto mesmo”. Deus é quem o elege, chama-o, coloca-o na fraternidade dos redimidos, prostra-o diante de seu altar como adorador, redime-o pelo sacrifício de seu Filho, santifica-o pelo poder de sua palavra.

04 - Hekal e Debhír:

Podemos dividir o culto de Israel em: **Festivo**, o das festas programadas por Deus e realizadas fora do templo. Não eram anárquicas e nem despropositadas. Objetivavam manter a memória dos feitos de Javé. Sem o depósito de ontem não haveria a reserva de hoje. A Igreja existe por causa dos

atos criadores, protetores e redentores de Deus na história da redenção. A eucaristia, mistério e festa, tem o mesmo propósito das comemorações de Israel: Manter viva a lembrança do que Deus já fez; e esta lembrança é um alimento da fé. **Solene:** Culto efetivado no “hekal” ou lugar santo, onde costumeiramente os sacerdotes sacrificavam intercessoriamente pelos pecadores e mediavam-lhes as oferendas gratulatórias. **Soleníssimo:** Culto executado pelo sumo sacerdote, e somente por ele, uma vez por ano, no “debhir” ou Santos dos Santos. Ali era o local do silêncio, onde a fala de Deus era prioritária, não a do homem. No “debhir” Deus falava e o homem ouvia. Nenhum hino se cantava no Santíssimo, apenas o diálogo Deus - homem. No “hekal”, local dos rituais ordinários (falamos do templo de Salomão), somente os sacrifícios, as orações, os oráculos e os cânticos corais levíticos compunham a liturgia. No mundo exterior, porém, o povo alegrava-se nas festas preordenadas, estabelecidas e regulamentadas por Deus, cantando, ao som de instrumentos, e dançando. Este quadro tem de ser levado em conta, quando se transferem expressões e imagens litúrgicas de Israel para a Igreja. Toda Igreja agora é mais que um “hekal”, é um “debhir”, um Santos dos Santos, um santuário, isto é, lugar de santos, de coisas santas, de palavras santas. Onde dois ou três se reúnem, aí é um “debhir”, lugar onde Cristo está como sujeito e objeto de nossa adoração. A reverência, pois, é, em si mesma, e uma forma de cultuar a Deus.

05 - Expressões Cúlticas da Igreja

01 - Tradição ierosolomita:

Jerusalém, uma tradição litúrgica profundamente judaica e uma administração eclesiástica institucional. Vejam a eleição de diáconos e a estabilidade ministerial: Tiago, pastor efetivo. A Igreja de Jerusalém foi a líder de todas as outras, e deveria servir de parâmetro para as igrejas cristãs de todos os tempos.

02 - Tradição sinagoga:

No mundo gentílico a Igreja apoiou-se, inicialmente, nas sinagogas, herdando delas as tradições litúrgicas, adaptadas e desenvolvidas, segundo a fé cristã e a nova eclesiologia. Veremos depois a estrutura da liturgia sinagoga.

03 - Tradição carismática:

A Igreja de Corinto produziu e transmitiu o carisma tanto na ordem administrativa como na litúrgica. Nela, os líderes carismáticos instituía-se por “indicação direta”, supunham, do Espírito Santo, não por eleição ou por indicação apostólica, como acontecia em Jerusalém. A grosso modo, podemos afirmar que as igrejas históricas, como a Presbiteriana, são herdeiras da tradição ierosolomita, e as carismáticas miram-se e se baseiam nos inquietos e confusos irmãos coríntios. A espontaneidade litúrgica precisa de limites, e Paulo os deu, enfáticos.

04 - Tradição cristofânica:

A “shekinah” está sobre e em Jesus Cristo, o que se mantém presente na Igreja e, em consequência, nos cultos. Cristo é a cabeça do organismo eclesial; nós, os membros. Ele, a “shekinah” de Deus no meio dos eleitos, é inseparável de sua Igreja. Sem a presença gloriosa de Cristo não há Igreja e o culto, sem a emulação de sua presença, torna-se vazio de sentido e falso.

Apocalipse é um testemunho da glória (shekinah) de Deus em Cristo, em que o Cordeiro é

colocado no centro da adoração dos santos, que se efetiva nos céus e se realiza também na terra. A solenidade do culto celeste, na visão apocalíptica, enriqueceu muito a adoração terrestre da Igreja primitiva e sofredora. A exaltação do Cordeiro se faz pela palavra oral e pelo cântico coral, composto do levirato celestial (os anjos, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos). A estes somaram-se, num cântico comunitário, todos os redimidos, uma incontável multidão (Ap 4.10-11; 5. 8-14; 7.11,12; 11.16,18; 12.10-12; 14.2,3;15.2-4 cf 19.1-7). Instrumento litúrgico do coral celeste: A harpa (Ap 5.8, 14.2;15.2). O culto do povo de Deus na terra deve ser figura do que acontece no céu. E lá a reverência é levada a sério, a cristocentricidade da adoração é uma realidade. O personalismo não existe. Infelizmente, aqui na terra, muitos cantores estão cantando para si mesmos, mercantilizando o canto sacro (sacro?). Cantam, do altar do Senhor, para venda de discos, CDs e fitas. Lamentável distorção do culto!

06 - Igreja, um santuário

O culto no Velho Testamento era estritamente sacerdotal. Os sacerdotes, e somente eles, tinham acesso à parte mais sagrada do templo, isto é, aquela inteiramente santificada, completamente separada do mundo e das coisas profanas. Os leigos ficavam no exterior, incluídos no profano, onde a sensorialidade se expandia e onde o espiritual se confundia com o material na liturgia das festas. As paixões, os sentimentos e as emoções espirituais misturavam-se com as naturais e as carnis nos atos “cúlticos”. Hoje, igualmente, o culto é sacerdotal, pois a Igreja toda é um reino de sacerdotes, e o templo todo passou a ser um “hekal”, lugar santo, reunião do povo sacerdotal em Cristo Jesus, o Sumo Sacerdote do templo, Cabeça da Igreja. A solenidade do “hekal” vetotestamentário deve ser mantida no “hekal” neotestamentário, a Igreja reunida. Onde quer que os sacerdotes de Deus se reúnem, aí estará o Tabernáculo, Jesus Cristo, Deus conosco. E o local básico de reunião é o templo. Toda a Igreja, à semelhança do coral levítico, é um coral sacerdotal reverente, respeitoso, zeloso, bíblico e artístico. Um povo sacerdotal não apresenta a Deus música de má qualidade, de procedência duvidosa, de ritmos que levem associações mundanas concupiscentes. O verdadeiro cântico espiritual somente a Igreja invisível dos verdadeiros eleitos aprende, apreende e executa, pois não procede dos cérebros humanos irregenerados, mas da revelação de Deus: “Também a voz que ouvi era como de harpistas quando tange as suas harpas. Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pode aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra” (Ap 14. 2b,3). O novo saltério da Igreja, verdadeiramente espiritual, difere, e muito, da hinologia transitória, emergente dos sentimentos e das circunstâncias culturais. Os eleitos, iluminados pelo Espírito, separam bem o cântico realmente sacro daquele com pretensões de sacralidade. A espiritualidade do canto é uma obra do Espírito e não um produto comercial destinado ao seguimento religioso do mercado consumidor.

07 - O Culto na Igreja

Cristo presente, a “shekinah” divina, é o sujeito e o objeto litúrgicos. Culto não é uma festa de religiosos exaltando um ícone ou buscando bênçãos dos céus; é o encontro do Senhor, promovido por este, com seus servos na assembléia litúrgica, a comunhão dos salvos convocados por Cristo e

reunidos pelo Espírito Santo para a edificação, a comunhão e a respeitosa adoração ao Redentor. Paulo entende que o motivo último do culto é a edificação do corpo de Cristo, habilitando o conjunto e cada membro para o exercício da fé e do testemunho cristão.

No culto, exatamente como acontecia no “hekal” do templo de Salomão, as expressões corporais devem ser reverentes e destinadas à reverência, consentâneas com o local de adoração, a sublimidade litúrgica, a presença do Rei. No “hekal” do templo os movimentos físicos não iam além de fechar os olhos, curvar-se, ajoelhar-se, levantar-se, mover suavemente as mãos. Nada de pulos, danças, coreografias, bateção de palmas, aplausos. O hedonismo e o ludinismo eram próprios dos cultos pagãos. No tempo da “nova era”, da teologia da prosperidade, do “Cristo da satisfação temporal”, a hilaridade confunde-se com a espiritualidade. O Cristo da cruz tem sido substituído pelo “Cristo da glória terrena”; a fé salvadora foi trocada pela “fé positiva”, requerente de “direitos humanos” originais e inalienáveis. São deveres de Deus e direitos do ser humano, dizem, a saúde, a prosperidade, a realização dos desejos nobres e a felicidade. Semelhante teologia trocou a oração súplice, submissa à soberania de Deus, pela “confissão positiva”, oração que não admite resposta negativa, pois o suplicante não pede favor, reivindica direitos. A soberania do homem está sendo colocada no lugar da soberania de Deus. E o Senhor de todos e de todas as coisas converte-se em submisso servo do homem. Lamentável!

08 - Conjunto litúrgico

Numa Igreja que exercita o sacerdócio geral de todos os homens, a liturgia é função de muitos e ação de todos, não de alguns clérigos privilegiados. Assim, a Igreja possui um “conjunto litúrgico” bem definido, composto de: Ministros (presbíteros docentes e regentes), diáconos, líderes dirigentes, cantores, coral, instrumentistas. Este conjunto harmônico dirige o serviço litúrgico do qual toda a comunidade participa por meio do responso: Cânticos, leituras responsivas, leituras uníssonas, orações e recitações credais.

O trabalho diaconal durante o culto faz parte dele como componente necessário da liturgia, que é também diaconia. O Culto a Deus é diacônico por excelência.

09 - Conjunto diacônico

A existência da Igreja, em si mesma, é um culto ao Criador e Senhor. Tudo que ela faz e tudo o que se faz dentro dela e por ela, faz-se ao seu Cabeça, Jesus Cristo. São verdadeiros adoradores os que trabalham na Igreja em quaisquer funções, atividades, ofícios e ministérios. Enganam-se os que pensam que o culto somente se efetiva na reunião devocional dos crentes. Culto é qualquer serviço prestado a Deus, especialmente os que cooperam para a ordem e a unidade da Igreja. Aliás, a consagração maior não é dos que são “ativos” na reunião, mas dos que são dinâmicos, dedicados e eficientes no cumprimento de seus ministérios diversos.

O conjunto diacônico da Igreja se compõe de: Conselho, Junta Diaconal, Superintendente da Escola Dominical, professores, dirigentes infantis, regentes, diretorias departamentais, secretarias, serviço de som, serviços gráficos, serviço de manutenção, serviços diplomáticos e outros. Sem as atuações setoriais dos vários serviços diacônicos, ordenados por um sistema globalizante e harmo-

zados pelo espírito de cooperação, a Igreja não será uma boa comunidade litúrgica. Os serviços integrados habilitam a Igreja, qualificando a liturgia existencial do corpo eclesial. Participar da liturgia, pois, é trabalhar na e para a Igreja em quaisquer atividades, inclusive a disposição de se congregar.

10 - Artes litúrgicas

Sendo Deus o Criador e Senhor de todas as coisas, Salvador dos eleitos, dono de tudo o que existe, o melhor, evidentemente, tem de ser para ele, especialmente no campo das artes, onde a criatividade humana, por doação divina, evidencia a sensibilidade daquele que Deus criou à sua imagem e semelhança. As artes litúrgicas principais são:

01 - Recitativa:

Na Sinagoga havia pessoas treinadas para leituras bíblicas. Na Igreja também deve haver. O que tem dificuldades, treine em casa. Repita muitas vezes a leitura em voz alta, cadenciada, respirando nas pausas virgulares, pronunciando bem as palavras. Não leia correndo, atropelando as palavras. Leia para a Igreja, pausadamente, não para si mesmo, com a melhor entonação vocálica possível. Na leitura dos salmos, observe os versos paralelos, procurando a ênfase ideográfica.

02 - Arte da leitura comunitária:

Na leitura responsiva o dirigente não deve quebrar o texto com erros e pontuações inexistentes ou desprezar os acentos gráficos e as pausas marcadas pelas vírgulas. Cada leitor tem de ouvir a leitura dos irmãos para não se atrasar ou adiantar-se. A leitura uníssona significa: Leitura feita a uma só voz, isto é, a Igreja fala a Deus em uníssono. No momento da leitura a Igreja é uma única boca e um só ouvido, falando e ouvindo ao mesmo tempo.

03 - Arte musical:

A melhor música de Israel era a cantada no templo e nas festas solenes como a da expiação. Nota-se isto pela letra dos salmos, particularmente o “halel”, salmos de 113 a 118. As igrejas reformadas elevaram o nível da música popular não concupiscente, adaptando-a à reverência da adoração. A música sacra clássica deve muito à Reforma, prioritariamente ao luteranismo com sua figura máxima, J. S. Bach. Os antigos corais, luteranos e calvinistas, nobilitavam-se pela qualidade literária, zelo doutrinário e técnica musical de seus hinos e cantatas. Deus, certamente, é o Pai das artes, visto ser o Pai dos artistas. Além do mais, é o Rei dos reis, augusto, soberano. Não se há de louvá-lo com vulgaridade por meio de letras, melodias e ritmos popularescos, sem qualidade e nobreza. A melhor música, como acontecia em Israel e nos tempos da Reforma, precisa voltar aos nossos templos, sublimar os cultos, enriquecer as liturgias modernas, engrandecer o Criador. A Igreja, em qualquer aspecto, tem de ser modelo para o mundo, influenciá-lo, criar para ele, jamais ser influenciada por ele. Quando se ouvem hinos, corinhos e canções originários da cultura popular ou advindos do folclore idolatrado com ritmos de samba e linhas melódicas herdadas de “folias de reis” e candomblés, a tristeza invade o coração dos eleitos de bom senso, pois presenciam a antes imaculada noiva do Cordeiro sambando; fazendo coreografias cênicas, próprias das artes de representação nos palcos e nos palanques; reproduzindo gestos mímicos da adoração pagã, típicos de “mães-de-santo”, ou de “ôla” de estádios de futebol. Longe, muito longe estão tais “cultos de louvor” da adoração instituída por Deus em Israel; do culto sinagoga; das celebrações cúllicas da Igreja primitivada; da liturgia reformada calvinista; da projeção do culto celeste revelado em Apocalipse. Deus, augusto e

soberano, não deve ser exaltado e aclamado da mesma forma com que se ovaciona e se louva o “Rei Momo” ou se vulgariza um santo do folclore brasileiro. Atendem para os termos respeitosos e reverentes com que Cristo se dirigiu ao Pai. Igreja e mundo são antitéticos ente si. O povo sagrado continua separado do mundo profano, e assim há de ser eternamente.

11 - Estética dirigencial

Não foi sem motivo que Deus determinou que os sacerdotes se vestissem adequadamente, e até com requinte e luxo, para as celebrações litúrgicas. Não se requerem hoje vestes sacerdotais, mas a dignidade da pessoa de Cristo, Senhor e cabeça da Igreja, exige do dirigente indumentária decente, digna, discreta, respeitosa. Como o símbolo moderno de respeito é o terno com camisa social e gravata, que assim se vistam o dirigente litúrgico e o pregador. Não se esqueçam o pregador e o dirigente do culto de suas condições de servos de Cristo a serviço de Deus em nome da Igreja e com ela. A vestimenta inadequada do dirigente, além de ser desrespeitosa, é péssimo exemplo para a comunidade, que pode descuidar-se da indumentária, mirando-se em seus líderes, e acabar relaxando o comportamento na Igreja durante o culto. A veste descontraída induz à descontração. E mais, o templo deixa de ser verdadeiramente a Casa de Deus para se tornar, no entendimento dos agregados, apenas num local de reunião onde se tratam de assuntos religiosos, sociais, morais e políticos. O ambiente da Igreja e a reverência ao Salvador requerem vestimenta adequada, despida de qualquer apelação ao luxo exagerado e à sedução.

12 - Estética templária

Examine a construção do templo. Veja como Deus ordenou artística e esteticamente a sua construção e a disposição dos móveis e utensílios litúrgicos. Este desvelo estético deve prevalecer em nossos templos pela arquitetura adequada à realização e à solenidade dos serviços sagrados pela disposição do púlpito, pela colocação do coral, do órgão, do piano, da orquestra, dos vasos ornamentais. Lembrem-se de que a comunidade se posta de frente para os móveis, utensílios, coral, dirigente e pregador. A desarmonia do complexo litúrgico provoca mal-estar na comunidade. O belo e o harmônico fazem parte da liturgia. O ambiente de culto deve ser solene, ter alegria discreta e oferecer um ambiente de reflexão, meditação e contrição. A nave precisa evocar o sentimento de reverência e introspecção meditativa.

13 - Liturgia cristã, herança judaica

01 - Liturgia do sacrifício:

O ponto de convergência do culto templário em Israel era o sacrifício. Sem ele não se adorava a Deus, não se lhe demonstravam contrição, gratidão e submissão; não se lhe confessavam os pecados, não se recebia o perdão. Enfim, sem sacrifício não havia serviço litúrgico (pulchan).

No Novo Testamento, de igual maneira, o culto centraliza-se no sacrifício de Cristo reconstituído memorativamente no rito eucarístico, na proclamação da palavra salvadora e na confissão de pecados. O culto, por sua natureza, é cristocêntrico, mas de um cristocentrismo fundamentado exclusivamente da Palavra de Deus; Cristo segundo a revelação bíblica; não o das “revelações” extrabíblicas; não o transubstanciado (sacramentado) nos altares por ordenação sacerdotal.

02 - Ordem do culto sacerdotal:

A ordem natural do culto sacerdotal em Israel era:

- a. Reconhecimento da presença real de Deus.
- b. Consciência de que Deus realmente perdoa os pecados confessados.
- c. Confissão de pecados com as mãos do confessando sobre a cabeça do vítima oferecida.
- d. Morte da vítima, simbolicamente carregando os pecados confessados.
- e. Declaração de perdão por meio do sacerdote.
- f. Ação de graças pela misericórdia do perdão.

O sacrifício da vítima em lugar do pecador era imprescindível, pois “sem derramamento de sangue não há remissão de pecados”.

Hoje Cristo é o sacrifício em lugar do pecador, mas também é o ressurreto por ele. O que acontecia em Israel, acontece, no essencial, na Igreja: Nossos pecados são depositados aos pés da cruz de Cristo em confissão, para que seu perdão eterno tenha poder dinâmico e restaurador na continuidade da existência do escolhido. A confissão, portanto, é central e essencial no culto cristão. A Igreja que confessa seus pecados e se humilha: Louva, adora e serve ao Salvador. No Velho Testamento o pecador era sacrificado simbolicamente na vítima que oferecia em holocausto. No Novo Testamento o pecador é realmente morto e ressurreto em Cristo, ao mesmo tempo, Cordeiro e Sacerdote. A Igreja é, pois, confessional no testemunho e confessante no culto.

03 - Herança sinagoga:

Não lhe sendo permitido o sacrifício, a Sinagoga centralizou o culto no ensino (limud), especialmente o da Torah e dos profetas bem como na confissão individual e coletiva de pecados e culpas, na esperança de merecimento do perdão anual no grande dia da expiação. A “didaquê” e o “kerygma” originaram-se da liturgia sinagoga, isto é, lá estão suas raízes. Ênfases do Culto Sinagoga: **Ensino, confissão, pregação.**

A sinagoga usava o saltério, compunha cânticos, seguindo a tradição salterial, e produzia hinos novos, sempre conforme as linhas mestras da poesia e da melodia dos salmos. O que caracterizava seu “cântico espiritual” não eram as “inspirações” sentimentais e místicas, mas a fidelidade melódica e textual às Sagradas Escrituras e à hinódia salterial. Desse modo, o culto se preservava da invasão das “novidades” litúrgicas do paganismo reinante, muito influente e atraente, sobretudo no que se referia às adorações de divindades ligadas ao sortilégio e à fertilidade; evitava também as influências profanas das orgias, seculares ou sacralizadas, das bacanais. E não se deve esquecer que os cânticos, hinológicos ou não, podiam causar a contaminação do altar pelos ritmos percutidores acompanhados de coreografias e danças sensuais dos cultos da prostituição sagrada em que o sensualismo e o sexualismo eram confundidos com espiritualidade. O orgasmo marcava a “entrada” do espírito da divindade pagã no corpo do sacerdote em coito “sagrado” com a sacerdotisa. Não se permitia também a intromissão das “canções de harém”, que as mulheres e odaliscas entoavam ao sultão, macho que representava o “reprodutor sagrado”, o deus da reprodução e das ressurreições estacionais. Tais canções românticas visavam mais o erotismo que o agapismo, e carregavam-se de gemidos e suspiros sensuais. O harém, com seu ritualismo sensorial, é herdeiro dos cultos da fertilidade nos quais as sacerdotisas, também

profetisas, prostituíam-se sacramentalmente com o sacerdote por meio do qual a divindade pagã fecundava o mundo. O falo (phallos) era o símbolo sagrado da fecundidade, o deus da reprodução. Canções eróticas provenientes dos cultos da fertilidade ou dos sensualismos de haréns jamais penetraram os cultos do templo e da sinagoga, mesmo esta estando inserida no mundo gentílico. Na verdade, a sinagoga foi o baluarte firme do judaísmo na dispersão, o sustentáculo da fé judaica, a força mantenedora das tradições mosaicas; e isto por seu culto fundamentado no ensino, na confissão, na esperança de perdão e na proclamação da lei e dos profetas, além de preservar o cântico salterial. São inestimáveis os papéis do templo e da sinagoga, com seus respectivos cultos, na formação, estruturação, normatização, propagação e conservação dos valores culturais da fé de Israel, mantidos até hoje. O mesmo papel tem o culto reformado. Desvirtuá-lo é destruir os monumentos da Reforma, rasgar os nossos riquíssimos anais, esquecendo-se de que os passos do fim da jornada dependem dos que foram dados no início.

A Reforma, sem dúvida, restaurou o patrimônio cultural do “kerygma” e da liturgia sinagagal, enquanto o romanismo preservava a ritualística cerimonial e sacramental do templo judaico, sem levar em conta a sua substituição em Cristo Jesus, o novo templo de Deus no mundo. Uma atenta leitura de Hebreus faria bem aos ritualistas sacrificiais, ainda apegados a sacrifícios incruentos, conservando holocaustos e altares em seus templos onde Cristo é, “literalmente sacrificado” incruentamente em favor do penitente, segundo o ritual da missa.

Falta a nós cultura litúrgica, que Israel tinha de sobra. A Igreja que não esquece o caminho por onde passou, saberá, com certeza, onde está e para onde vai.

No templo, o acesso dos gentios estava vedado, mas na sinagoga, com objetivos catequéticos, permitia-se-lhes o ingresso, mas não lhes dava todos os direitos próprios dos judeus. Isto, supomos, contribuiu para o surgimento, na Igreja primitiva, de duas liturgias distintas: A da Palavra, didática e querigmática, e a do Aposento Alto, sacramental e restrita aos membros. O hermetismo litúrgico dos primeiros tempos da Igreja é também atribuído às perseguições e às delações de crentes fracos ou falsos.

A sinagoga celebrava a liturgia da palavra; o templo, a dos sacrifícios. Lembremos que a Igreja romana continua com a dos sacrifícios, pois em cada missa o Cristo é sacrificado na hóstia incruentamente para que seu “munus” vicário seja eficiente na expiação do pecado venial. O altar, no qual se conserva o sacrário, ocupa o lugar central do culto, sendo o oficiante indispensável como “mediador” da graça salvadora. É uma liturgia sacramentalista.

Grande parte da reforma manteve a dicotomia judaica dos dois cultos, um dos sacrifícios, agora substituído pela Santa Ceia, antiga cerimônia do Aposento Alto, e o da Palavra, destinado aos catecúmenos e às pessoas não incluídas na membresia da Igreja. Calvino eliminou tal dicotomia ao estabelecer a unidade e universalidade da liturgia na bipolaridade: Palavra - eucaristia. Defendeu a tese de que a Santa Ceia deveria estar presente, como parte essencial, em todo culto e, mesmo ausente, sua teologia haveria de permanecer na intenção e na proclamação do pacto assim como no reavivamento da esperança escatológica: “Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha” (I Co 11.26). A história da redenção sumariza-se e se atualiza no culto pela presença de Jesus Cristo sem a qual não se realiza de fato. A Ceia do Senhor reatualiza a aliança e, em consequência, viabiliza a Igreja e aprofunda-lhe a esperança escatológica, força que a mantém no caminho do êxodo cristão.

No sistema episcopal de culto, sacramentalista, o púlpito fica relegado ao segundo plano, enquanto a mesa eucarística, equivalente ao altar, toma o lugar central do “deber” do templo, pois o sacramento é mais importante que a palavra. Na liturgia calvinista, o púlpito, altar da palavra, de onde se pronuncia o oráculo profético, isto é, a mensagem bíblica, tanto quanto a mesa eucarística, onde se celebra a Ceia do Senhor, memorização do Calvário, renovação do pacto da graça, retrovisão dos grandes feitos redentores de Cristo Jesus, antevisão dos eventos escatológicos, estão no centro do

culto, no mesmo grau de importância, de proeminência, de simbolismo, de significado; porém, a palavra antecede, na estrutura litúrgica, a eucaristia. Eis uma herança sinagoga reabilitada pela Reforma e que deve ser conservada na Igreja. O arranjo do espaço reservado ao serviço litúrgico do templo deve clarificar isto ao entendimento e ao sentimento dos fiéis. Eles precisam saber que no culto ouvirão a palavra de Deus e comungarão, pela Santa Ceia, com o Redentor e com seus irmãos redimidos. As demais partes da liturgia decorrem destas e as reforçam e confirmam. A Palavra de Deus, lida e proclamada, e a celebração da Ceia do Senhor, são as duas colunas sobre as quais constrói-se a liturgia cristã. No entanto, na mente dos leigos e na “praxe” da Igreja a pregação e a Ceia ficam fora da ordem litúrgica. Frases como estas são comuníssimas: “Eu dirijo a liturgia e o senhor prega”. “Depois do culto o senhor fica com a palavra para celebrar a Ceia”. Calvino coraria de “santa indignação” com tal compreensão do culto, colocando o secundário no lugar do principal. Reiteremos: **A Palavra de Deus e a Ceia do Senhor são a essência e o fundamento do culto, da liturgia.**

14 - Liturgia Sinagoga

A liturgia da Sinagoga possuía, como já delineamos, elementos básicos, que lhe davam forma e estrutura e lhe permitiam uma ordenação mais ou menos consistente e estável. Por exemplo: A oração de “louvor pelo conhecimento da glória de Javé”, por uma enfática determinação talmúdica, obrigatoriamente dava início ao culto. Depois vinha a “confissão de pecados”, que precedia, sistematicamente, ao sacrifício, no templo. Sem confissão a adoração não se realizava. Oferecendo o sacrifício, o penitente criava a certeza do perdão de Deus, e então agradecia. Era o momento de gratidão. Nesta parte do culto, o adorador cientificava-se dos favores divinos a ele propiciados, iniciando o momento de orações gratulatórias, laudatórias e intercessórias. Seguia-se o ensino, especialmente da “Torah” e dos profetas. Encerrava-se o serviço litúrgico com a Bênção Aaraônica. O pecado não era visto como “ato de falha moral”, mas como transgressão da aliança, desobediência a Javé. Jamais se imaginava um “Deus ausente”, uma “divindade distante” a ser “invocada”, pois o Deus de Israel tabernaculava com seu povo. Eram as efetivas realidades da existência de Javé e de sua presença real as causas geradoras e mantenedoras: Da vida dos eleitos, da bênção do pacto, da dádiva do lei, da realização do culto, da esperança no reino porvir do Messias.

15 - Ordem do culto sinagoga

As partes do culto sinagoga eram permanentes, podendo variar apenas a colocação delas na ordem litúrgica, mas não sistematicamente. Eis como se celebrava o culto sinagoga:

01 - Primeira Parte

- a. **Louvor:** Quando se reconhecia a glória (shekinah) de Javé. Leitura freqüentemente usada: Ne 9.5-23.
- b. **Oração:** Yotzer (o Criador), o que faz todas as coisas, o que dá a vida e gera os movimentos. Esta oração reafirmava a fé no Deus Criador, governador e Salvador.
- c. **Confissão de pecados:** Sem confissão não se fazia a entrega da vítima sacrificial e, portanto, não havia culto, tanto o coletivo como o individual. A confissão preparava o fiel, na Sinagoga,

para o grande “Dia do Perdão” nacional.

- d. **Perdão:** A vítima substituta, oferecida por todos, garantia o perdão tanto na esfera individual como na comunitária. Na Sinagoga não havia sacrifício, mas a idéia e a lembrança da vítima sacrificial estavam presentes e eram centralizantes no culto.
- e. **Gratidão:** Agradecia-se a Deus o perdão recebido e todas as demais graças. Os cânticos salteriais, geralmente, mas não obrigatoriamente, entravam aqui.

02 - Segunda parte:

- a. **Oração do amor (Ahabah):** Por esta oração o penitente se declarava escravo de Javé, sempre à sua disposição em quaisquer circunstâncias. Amor-dedicação era o que nela se requeria.
- b. **Oração de crença no Deus único (Ehad - único):** Nesta se repudiava a idolatria e se afirmava pertencer a um único Senhor. Israel, a noiva, só tinha um esposo, Javé. A fé verdadeira jamais é desviada do Criador para a criatura.
- c. **Declaração de fé (Shemah):** Fazia-se a leitura de Dt 6.4-9 ou Nm 15.17-41.
- d. **Oração das bênçãos:** Eram dezoito orações ou uma oração só com dezoito seções, agrupadas em: Adoração, gratidão e intercessão.
- e. **Ensino:** Lei e profetas. Comunicação didática, não retórica.
- f. **Bênção Aaraônica:** Observe que esta ordem obedece a uma seqüência lógica, liturgicamente falando, pois acompanha os movimentos da alma em estado de adoração.

A Igreja primitiva, não mais vinculada ao sistema sacrificial do templo, adotou, com as modificações necessárias, a liturgia da Sinagoga, com ênfase na Palavra de Deus e na celebração da Ceia do Senhor, substituta da páscoa judaica e memorial do sacrifício de Cristo.

16 - O Deus que convoca

O culto, tanto o do templo como o da sinagoga e, conseqüentemente, o da Igreja, efetiva-se por convocação de Deus, isto é, ele convoca o seu povo para estar reunido no local onde seu nome se faz presente. Portanto, a assembléia litúrgica se reúne em Deus, congrega-se pelo poder atrativo e pela força imperativa do Salvador. Diríamos que a Igreja (ekklesia-qahal) é eminentemente teocêntrica. Seu centro vital é Deus, não que ela o tenha chamado para si; pelo contrário, o Redentor é que congrega em torno de si os seus eleitos. Sem a presença de Deus não há culto verdadeiro. Retenhamos bem isto: A Igreja é a assembléia dos que Deus escolhe em Cristo Jesus, não a reunião dos que invocam a divindade para que ela desça ao local dos invocadores. Também não se define como “romaria” a sítios de “aparições” em que a “divindade” aparecida se limita ao espaço e ao tempo, aguardando a “visita” dos fiéis. Culto, por outro lado, não pode ser “ascese” extática de místicos que pretendem “sair” do meio físico para “subirem” aos céus e lá, em “espírito”, estarem com Deus. O culto é o sinal de que Deus “desceu” até nós, agregou-nos a ele, fez-nos seus adoradores. A presença de Deus gera o culto, não o culto “chama” Deus para estar presente. Havia no culto da Igreja primitiva a “apiklesis”, um tipo de invocação, não para “atrair” a presença de Deus, como se o culto começasse sem ele e fosse um meio de trazê-lo à terra, buscando-o do transcendente para o imanente. A “apiklesis” era uma súplica para que Cristo consagrasse os elementos eucarísticos, desse a eles conteúdo espiritual para que a comunhão se transformasse num meio de graças para os comungantes. Também se usava a “epiklesis” escatologicamente como jaculatória: “Vem, Senhor Jesus (Maranata). O mesmo sentido epiclético se

dava à petição da Oração do Senhor: “Venha o teu reino”. A Igreja pode invocar o poder do Deus presente, autor e consumidor da fé, para que esteja sempre sobre ela, jamais a pessoa de Deus para “comparecer” à reunião, pois esta existe como consequência de sua presença. Deus, pelo seu Santo Espírito, produz o culto que sua Igreja expressa em atos litúrgicos.

17 - Culto, uma realização do Espírito

É pelo Espírito que a Igreja afirma que “Cristo é Senhor”. Sem ele tal confissão de fé verdadeiramente não se pronuncia: “Ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo (I Co 12.3b). A distintiva sabedoria de conhecer e proclamar a Palavra de Deus, no sacerdócio universal de todos os crentes, vem do Espírito Santo (I Co 12.8), isto é, os dons da pregação, da profecia (I Co 14.3) e do ensino (Rm 12.7; Ef 4.11,12). O Espírito, por meio do culto, trabalha o aperfeiçoamento dos santos, pois a liturgia contém os instrumentos necessários para isso: “Reconhecimento da presente glória de Deus, confissão, perdão, adoração, louvor, dedicação, consagração, intercessão, ensino, proclamação, comunhão. O convencimento do incrédulo é obra do Espírito (I Co 14.24,25; Jo 16.8-11). Ao profeta, isto é, ao pregador compete pregar sempre.

A adoração verdadeira é produzida pelo Espírito Santo (Fp 3.3 cf Jo 4.24; Rm 8.26,27; I Co 14.15; Ef 6.18; Jd 20). A hinologia de que Deus se agrada vem do Espírito, inspirador da letra e da música (I Co 14.2,25; Ef 5.19). É também o Espírito que nos leva a Cristo e este nos coloca em comunhão com o Pai (Ef 2.28). Por outro lado, o amor que nos vincula a Deus e nos une aos irmãos é dádiva de Cristo mediante o Espírito (Rm 5.5 cf I Co 13). Deus organiza o culto cristão, como fez no Velho Testamento, e o executa por meio de sua Igreja instrumentalizada pelo Espírito. No culto pagão, o homem estabelece as normas de adoração de seus deuses e as pratica, sempre conforme os seus interesses, satisfações e desejos. O culto bíblico é instituição divina. E Deus o criou e o organizou para que o homem o satisfaça. O culto deve ser agradável a Deus, não ao homem (Rm 12.1.2). Este só experimenta a “boa, agradável e perfeita vontade de Deus”, quando oferece a ele a totalidade de sua vida, corpo-espírito (Rm 12.2). Isto se dá de duas maneiras: Pela negação de si mesmo: pela consagração de si mesmo (Lc 9.23-27).

18 - Modelo litúrgico

01 - Elementos litúrgicos no Novo Testamento:

O Novo Testamento não contém um manual de liturgia, como também não nos instrui explicitamente sobre a responsabilidade da entrega do dízimo, a forma batismal, a Santa Ceia para as mulheres, a eleição de presbíteros docentes e regentes, a guarda do domingo. Estas são bíblicas por inferências e analogias. Há delas “sinais” fortes e inconfundíveis pelos quais deduzimos e concluímos conteúdos e formas. Assim acontece com o culto. Além de sua biblicidade e formas vetotestamentárias, encontramos, embora não ordenados, os elementos essenciais do culto em textos como: I Ts 5.16-22; Cl 3.16-18; Ef 5.18-21. Nos textos citados se encontram: a- Louvor. b- Oração. c- Ação de graças. d- Pregação. e- Ensino. f- Submissão por via confessional. g- Regozijo espiritual. Não confundir o regozijo espiritual com ludinismo sensorial. O regozijo sensorial desperta os sentidos e nos induz ao prazer e à satisfação sensoriais. O regozijo espiritual, introspectivo por natureza, é a alegria de estar com Deus

e servi-lo dia e noite. Observamos, pelas informações recebidas por meio dos trechos mencionados, que o culto do Novo Testamento não era anárquico e nem improvisado, pois Paulo, o autor sagrado deles, nos esclarece que tudo deve ser feito com ordem e decência (I Co 14.33,40).

02 - Modelo litúrgico:

A Igreja de Corinto ter servido de base eclesiológica, pneumatológica e litúrgica para muitas igrejas, como se uma comunidade primitiva, a mais problemática de todas, pudesse servir de parâmetro para a Igreja universal. Cada comunidade possuía virtudes e defeitos, mormente as gentílicas, como a de Corinto, que se distanciava da Igreja-mãe, a de Jerusalém, cujo culto nada tinha de carismatismo. A liturgia numa igreja com divisões e partidos, com pecado de incesto, com irmãos apelando aos tribunais seculares contra outros irmãos, com avareza e carnalidade, com crentes que não podiam ser chamados de espirituais, mas de carnis (I Co 3.1-5; 6) não servirá de modelo espiritual, pois espiritualidade de fato não existia. Miremo-nos na Igreja ierosolomita ou na de Filadélfia contra a qual o Espírito não teve restrições. A ela o cordeiro diz: “Conserve o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 3.11b). Conservar, eis a ordem!

O culto deve ser racional sem eliminar o emocional (I Co 14.15 cf Rm 12.1,2); não perdendo nunca seus fundamentos bíblicos:

- a. Oferta de Deus ao homem: a- A Palavra bíblica, o sacrifício vicário de Cristo, o perdão.
- b. Responso do homem: Aceitação, contrição, confissão, dedicação ou consagração, gratidão e missão. Eis a liturgia da reunião e da dispersão, da comunidade e de cada fiel.

03 - Exorcismo:

O exorcismo não constava do culto vetotestamentário, do sinagoga e da liturgia da Igreja primitiva. Onde a Igreja se reúne é o “Santo dos Santos”, local de encontro litúrgico de Cristo com seus remidos (Mt 18.20): “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí eu estou no meio deles”. E assim como nada impuro podia penetrar além do véu, no Templo de Salomão, do mesmo modo, o impuro dos impuros, o “porco”, deus do lixo e das moscas, não penetra o “santuário” de Cristo, do Sumo sacerdote, que é a Igreja, corpo do Cordeiro; e nem se apossa de nenhum de seus membros, pois todos são templos do Espírito Santo. Admitir que Satanás pode adentrar o Corpo de Cristo, sua Igreja, e possuir os que são templos do Espírito, é o mesmo que admitir o sacrifício de porco no altar santíssimo, jamais profanado, onde Jesus Cristo exerce o ministério de Sumo Sacerdote. O lugar que o Espírito Santo ocupa não deixa espaço para o Demônio. Transformar o culto em sessão de exorcismo é profanar a Casa de Deus, é desconhecer que o culto é uma antevisão, uma antecipação escatológica da comunhão celeste dos filhos redimidos com o Cordeiro remidor. O culto bipolariza-se na Palavra de Deus e na celebração da Ceia do Senhor, dois poderosíssimos meios de graças concedidos à Igreja militante visível para sua edificação.

04 - Línguas:

A língua estranha, bem como a estrangeira não interpretada, em nada edifica a Igreja. Portanto, como recomenda Paulo, deve ser evitada (I Co 14.3,5,9,10,12,18,19). A língua estranha (glossolalia) e o exorcismo não constavam da ordem do culto racional (logikos) da Igreja primitiva ierosolomita, fundamentada na tradição judaica do templo e da sinagoga. O maior e melhor dom geral para a fraternidade comunitária é o amor. O mais importante carisma para a edificação da Igreja é a profecia, pregação didática ou querigmática. Os dons de exorcizar e de curar são equipamentos dos apóstolos, exercidos na implantação do reino de Cristo, mas eles não os levavam para dentro da Igreja como ordem programática da liturgia. Deus, que cuida de seus servos, sabe o que lhes é bom ou conveniente (Mt 6.6). O culto não é e nem pode ser uma “disputa” entre o Espírito de Deus e o espírito satânico. Culto, repetimos, é a reunião dos salvos em Cristo Jesus, convocados por Deus para adoração

em espírito e em verdade. Também, frisemos, o Corpo de Cristo, a Igreja, e o corpo do crente, do regenerado, são templos do Espírito Santo, onde o Demônio não pode penetrar. A Igreja, pois, não deve transformar-se em sinagoga de Belzebu. Não se orgulhe de no culto de sua Igreja “aparecer” muito “espírito mau”. Agradeça a Deus se nele o maligno não se manifesta, pois a manifestação de Deus (teofania), de Cristo (cristofania), efetivadas perenemente na Igreja, são incompatíveis com manifestações satânicas. O culto é, acima de tudo, uma “cristofania” permanente, sentida e percebida pelos crentes, iluminados pelo Espírito Santo, nos sinais invisíveis do gozo espiritual, da paz interior, da edificação da alma contrita, da alegria do salvo, do perdão, da consagração, do desejo irreprimível de servir, da harmonia com Deus e com os irmãos.

19 - Liturgia na Didaquê

A Didaquê (ou o Didaquê), documento originário do primeiro século, mostra, em princípio, como se celebravam os serviços litúrgicos na Igreja primitiva:

01 - Culto dominical:

“Reunindo-vos no Dia do Senhor, parti o pão e dai graças, depois de haver confessado as vossas transgressões”. Aqui a ordem inicial do culto aaraônico se obedece:

- a. **Confissão:** Tal confissão se fazia à vista do reconhecimento da grandeza e majestade de Deus: “Porque isto é o que foi dito pelo Senhor: Em todo lugar e tempo oferecer-me-eis um sacrifício puro, porque eu sou Rei grande, disse o Senhor, e meu nome é admirável entre as nações”.
- b. **Ação de graças:** Gratidão pela certeza do perdão e da redenção, graciosas dádivas do Filho de Deus.
- c. **Comunhão:** Ato memorativo de vinculação a Cristo e de fraternidade comunitária.

02 - Celebração eucarística:

“A respeito de ação de graças assim fareis”:

- a. **“Acerca do cálice:** Damos-te graças (eucaristia), nosso Pai, pela santa vinha de Davi, teu servo, a qual nos fizeste conhecida por meio de Jesus Cristo, teu servo. A ti a glória para sempre”.
- b. **“E sobre o fragmento de pão:** Damos-te graças, nosso Pai, pela vida e o conhecimento que nos deste a saber através de Jesus Cristo, teu servo”. “A ti seja a glória pelos séculos”.
- “Como esse fragmento estava disperso sobre os montes e, recolhido, fez-se um, assim seja reunida a tua Igreja desde os confins da terra em teu reino! Porque tua é a glória, teu o poder através de Jesus Cristo para sempre”.
- c. **“Depois da distribuição dos elementos eucarísticos:** Somos-te gratos, Pai santo, por teu nome, que fizeste habitar em nossos corações, pelo conhecimento, e fé, e imortalidade, que nos deste a saber por meio de Jesus Cristo. A ti seja a glória pelos séculos”.
- d. **“Ação de graças pela criação e pela providência:** Tu, Senhor onipotente, criaste todas as coisas por causa do teu nome, e deste alimento e bebida aos homens para deleite, para que te sejam agradecidos, mas a nós nos agraciaste com o alimento espiritual e a bebida da vida eterna por instrumentalidade de teu servo. Acima de tudo, damos-te graças porque és poderoso. A ti seja a glória para sempre”.
- e. **“Intercessão pela Igreja:** Lembra-te, Senhor, de tua Igreja, para livrá-la de todo mal e fazê-la perfeita em teu amor, reúne-a desde os quatro ventos, santifica-a em teu nome, que para ela

preparaste. “Porque teu é o poder e a glória para sempre”.

- f. “**Súplica para volta de Cristo (Maranata):** Venha a graça, e passe este mundo! Hosana ao Deus de Davi! Se alguém é santo, aproxime-se; se não o é, arrependa-se: Maranata. Amém”.

Note bem: Toda seção termina com uma doxologia, uma declaração exaltatória da glória de Deus, geralmente recitada pela congregação. Depois das doxologias comumente liam-se os seguintes textos: Ap 4.11; Mt 24.31; 21.9,15; I Co 16.22.

A Didaquê mostra-nos que a Igreja dos primeiros séculos possuía uma liturgia elaborada, executada pelo dirigente com respostas da comunidade. Elaboração e regulamentação observam-se. Nada de improvisado e de influências localistas. Mantinham-se os vínculos com a velha dispensação, entendendo que a Igreja é, de fato, a consumada herança davídica.

20 - Liturgia segundo Justino Mártir (140 d.C.)

Em sua Apologia a Antonino Pio, registra os seguintes princípios de
Ordenação do Culto:

01 - Proanáfora ou Liturgia da Palavra: (*)

- a. Memórias dos apóstolos: Textos dos profetas, dos evangelhos e das epístolas.
- b. Instrução com base nos textos lidos.
- c. Exortações requeridas pelas lições ministradas. Destaques exortatórios.
- d. Orações comunitárias em forma de litanias.
- e. Salmos e hinos.

Hinos e cânticos espirituais, acredita-se, sejam os grandes cantos vetero e neotestamentários tais como: O Cântico de Miriam, o Cântico de Débora, Benedictus, Magnificat e textos do Novo Testamento metrificados e musicados.

02 - Anáfora ou Liturgia do Aposento Alto: (* *)

- a. Ósculo da paz ou recepção carinhosa dos irmãos.
- b. Ofertório em favor dos irmãos humildes.
- c. Introdução dos elementos. Palavras da instituição.
- d. Oração de Consagração.
- e. Ação de graças pela criação, providência e redenção (Cf Didaquê).
- f. Anamneses, recordação da Paixão. (1)
- g. Dedicção; colocação de dons e virtudes nas mãos de Deus.
- h. Epiclesis, invocação do Verbo e do Espírito Santo para abençoarem o pão e o vinho. (2)
- i. Intercessões.
- j. Amém congregacional.
- k. Distribuição dos elementos.
- l. Comunhão.
- m. Despedida dos fiéis.

(*)- Proanáfora: Missa Catechumenorum.

(**) - Missa Fidelium. A palavra missa significa: Celebração da eucaristia, sacrifício.

21 - Liturgia do fim do III século e início do IV.

Como modelo geral, a liturgia do período mencionado pode ser apresentada com a seguinte ordem:

01 - Liturgia da Palavra:

- a. Lições: Lei, profetas, epístolas, Atos e evangelhos.
- b. Salmos selecionados: Entoados, podendo ser intercalados entre lições.
- c. Aleluias: Ação de graças ao Salvador.
- d. Mensagem: (Uma ou mais).
- e. Lítania diaconal para catecúmenos e penitentes. (*)
- f. Despedida dos catecúmenos e penitentes.

02 - Liturgia do Aposento Alto:

- a. Lítania diaconal para os fiéis, após a qual se liam os nomes dos membros da Igreja local, inclusiva dos falecidos. (3)
- b. Bênção da paz ou saudação (Paz seja convosco).
- c. Ofertório.
- d. Apresentação dos elementos eucarísticos.
- e. Preparação dos elementos. Misturava-se água ao vinho.
- f. Sursum Corda: (citada em seguida). (4)
- g. Oração congregacional (às vezes o Pai Nosso).
- h. Ação de graças pela: Criação, providência, governo e salvação. (Acréscimo: Governo).
- i. Sanctus (citado a seguir).
- j. Ação de graças pela redenção em Cristo.
- k. Palavras da instituição.
- l. Anamneses (recordação da Paixão). (1)
- m. Epiclesis. (2)
- n. Intercessão.
- o. Oração dominical.
- p. Partição dos elementos.
- q. Elevação: “O Santo para os santos”.
- r. Comunhão: Cantavam-se os hinos dos salmos 34 e 43.
- s. Ação de graças pela comunhão.
- t. Lítania diaconal final. (3)
- u. Despedida dos fiéis.

Notas:

1. O **Sanctus** podia ser apenas monologado pelo ministro.
2. **Kyrie Eleison**: A partir do terceiro século começa-se o uso do “Kyrie Eleison” após a oração de

confissão ou depois da cada confissão dentro da oração confessional: “Tem misericórdia de nós”.

3. Liturgia do aposento alto: Nos períodos de perseguição da Igreja a “liturgia do aposento alto” era celebrada secretamente. Somente os membros “testados” dela podiam participar. Tal cerimônia secreta denominava-se “Disciplina Arcandi”. O celebrante deglutia o pão e ingeria o vinho primeiro. Guardava-se um tempo em silêncio e oração para depois efetuar a distribuição. Isso se fazia para evitar possíveis envenenamento da comunidade. As traições eram freqüentes. Também havia, não raro, infiltrações, apesar do extremo zelo na vigilância.

4. Sursum Corda:

Ministro: Levantai vossos corações.

Congregação: Levantemo-los ao Senhor.

Ministro: Demos graças ao Senhor.

Congregação: Dar-lhas é digno e justo.

5. Sanctus:

Ministro: Santo, santo, santo, Senhor Deus, todo poderoso.

Congregação: Plenos estão os céus e a terra da tua glória.

Ministro: Glória seja a ti, Senhor!

* **Penitentes:** Os que estavam sob disciplina ou em observação.

22 - Culto reformado

Na liturgia sinagoga, com poucas modificações e adaptações, a Igreja primitiva buscou fundamentar seu culto, seguindo aproximadamente a mesma ordem. A Reforma, especialmente a da linha calvinista, retornando aos tempos apostólicos e à primeira fase da patrística, estruturou sua liturgia, como veremos. Negando a centralização da Igreja no clero e a centralidade da liturgia romana na missa, na hóstia transubstanciada em Cristo, a Reforma, mais pelas mãos de Calvino, firma as bases do culto no fundamento bicolunar da Palavra de Deus e da Ceia do Senhor, tal como se fazia na Igreja das origens, evitando a todo custo proeminências ou evidências sacerdotais, que desviam do Criador para a criatura o alvo litúrgico ou, pelo menos, a importância do culto que, a partir do quarto século, conforme se vê no manual “Constituição Apostólica”, surgido por volta do ano 300 d. C., livros II e VIII, tornou-se demasiadamente cerimonialista, sacramentalista e clericalista. Passamos, pois, dos tempos primitivos da Igreja ao da Reforma, fixando-nos no extraordinário e insuperável Calvino, sem nos esquecermos de que foi Lutero o responsável pelos cantos corais e comunitários da Igreja. O essencial do culto romano é o sacerdote, mediador do perdão e do sacrifício de Cristo pela transubstanciação do pão em hóstia. A comunidade leiga depende, pois, do sacerdote, para relacionar-se com Deus e dele receber o perdão. A Reforma quebrou, estribada nas Escrituras e na Igreja primitiva, esta dicotomia entre clero e leigo, estabelecendo o sacerdócio universal de todos os crentes. Então, o culto deixou de ser uma “produção sacerdotal” para tornar-se uma “expressão” de toda comunidade relacionada mediante o Espírito, a Palavra iluminada, os sacramentos da Ceia e do batismo e a oração. Os hinos, procedentes dos mesmos fundamentos e expondo as mesmas verdades, enriqueciam, sem dúvida, o culto reformado.

23- Calvino e o Culto:

Calvino, ao chegar a Estrasburgo, vindo como exilado da Suíça, (1538), encontrou um culto vibrante, mas desordenado. Cada comunidade, à feição de seu líder, prestava seu culto local diferenciado. Não havia unidade litúrgica entre as igrejas. Procurando levar as comunidades, de maioria de composta de exilados franceses, a um consenso litúrgico, pois muitas divergências doutrinárias começam com individualismos cúlticos, tratou de estabelecer parâmetros, princípios normativos, para caracterizar e personalizar o culto reformado, fazendo dele um evidenciador das novas doutrinas extraídas das Escrituras. Então redigiu o seu primeiro formulário litúrgico, a que denominou:

“A Forma das Orações e a Maneira de Administrar os Sacramentos conforme o uso da Igreja Primitiva” (Estrasburgo, 1540). Este manual continha normas gerais do culto, trazendo também vários salmos metrificados com suas respectivas partituras musicais. A primeira edição desapareceu, mas a segunda (1542) pode ser encontrada na Biblioteca de Genebra. No mesmo ano da segunda edição, apareceu a primeira edição genebrina. Ambas, além de estabeleceram normas claras para o culto comunitário, trazem fórmulas para casamento, batizado, sepultamento. Calvino entendia que a Igreja, para ser unida, deveria submeter-se a regras paramétricas doutrinárias, disciplinares, governamentais e litúrgicas. Cada comunidade prestando culto à sua maneira, a porta ficaria aberta às distorções, aos desvios e às divisões. O culto é importante demais para ficar à mercê de idiosincrasias de lideranças, nem sempre bem formadas, ou exposto às influências externas. O culto reflete a teologia eclesiológica e deve marcar a fronteira entre o mundano concupiscente e o sagrado espiritualizado. O gozo e a alegria espirituais vibram o espírito e enternecem o coração. A orgia, porém, inclusive a piedosa, agita o corpo e estimula o prazer sensorial. No culto a Deus, celebrado em espírito e em verdade, a alma se eleva; nas orgias sagradas o sensorial evidencia-se e os sentimentos (puros ou impuros) confundem-se.

Calvino sabia, e doutrinou a respeito, que a Bíblia é a única norma da fé, da conduta moral e espiritual, da adoração comunitária e individual.

24 - Ordem do culto calvinista

(Manual Francês de Estrasburgo)

01 - Liturgia da Palavra:

- a. Leitura introdutória: Sl 124.8: “O nosso socorro está em o nome do Senhor, Criador do céu e da terra”.
- b. Confissão de pecados (individuais e coletivos).
- c. Palavra bíblica de perdão.
- d. Absolição (Declaração de que o perdão vem de Deus, declarado por sua palavra nas Escrituras. Textos declaratórios do perdão).
- e. Leitura do Decálogo com a comunidade respondendo, após cada mandamento, com o “Kyrie Eleison”: “Senhor, tem misericórdia de nós”.
- f. “Colecta” por iluminação: Oração breve de dedicação (6).
- g. Lição (ou pastorais).
- h. Sermão.

02 - Liturgia do Aposento Alto:

- a. Apresentação da oferenda.
- b. Intercessões.
- c. “Pai Nosso” parafraseado.
- d. Preparação dos elementos enquanto se canta o Credo Apostólico.
- e. Oração de consagração (eliminou-se a Epiclesis).
- f. Palavras da instituição.
- g. Exortação.
- h. Partição.
- i. Distribuição dos elementos.
- j. Comunhão, enquanto se canta um Salmo.
- k. “Colecta” pós comunhão (Oração breve de gratidão e despedida dos fiéis).
- l. Bênção Aaraônica e Apostólica.
- m. Despedida dos fiéis pelo pastor.

A liturgia de Calvino foi adotada pelas igrejas calvinistas da Inglaterra, França, Alemanha do Sul, Holanda, Dinamarca e outros, constando, com modificações que não lhe afetavam a essência, no “The Form of Prayers and Ministration of Sacraments” da Igreja Reformada Inglesa, publicado em Genebra em “The Book of Common Prayer” (1552) e também no “Directory for Public Worship” da Assembléia de Westminster. Esta última fez algumas modificações, mas conservou o essencial. Eis a ordem do culto conforme o “Directory”:

25- Culto Segundo Determinação de Westminster

01 - Liturgia da Palavra:

- a. Chamada à adoração com sentenças bíblicas.
- b. Oração de Invocação (Não da pessoa, mas do poder de Deus).
- c. Hino ou Salmo metrificado.
- d. Momentos de Oração (Adoração, gratidão e súplica).
- e. Hino ou Salmo metrificado.
- f. Lição do Antigo Testamento.
- g. Salmo, hino ou antífona.
- h. Lição do Novo Testamento.
- i. Mensagem para crianças.
- j. Hino para crianças.
- k. Recitação do Credo dos Apóstolos.
- l. Intercessões.
- m. Pastorais e anúncios.
- n. “Colecta” de dedicação.
- o. Hino.
- p. Sermão (concluído ou não com oração).
- q. Hino.
- r. Doxologia final.

02 - Liturgia do Aposento Alto:

- a. Palavras bíblicas de convite à adoração.
- b. “Colecta” de pureza (Oração breve para Deus purificar a vida do crente).
- c. Hino ou Salmo.
- d. Palavras da instituição.
- e. Apresentação dos elementos.
- f. Oração de consagração.
- g. Distribuição.
- h. Comunhão.
- i. Palavras de Consolo pós-comunhão: Recordam-se os irmãos mortos, já triunfantes, para consolo dos que militam.
- j. Breves intercessões.
- k. Salmo, hino ou doxologia.
- l. Bênção Apostólica.

26 - Liturgia do Livro de Oração Comum

- 1 - Hino.
- 2 - Sentenças Bíblicas.
- 3 - Exortação.
- 4 - Confissão de Pecados.
- 5 - Oração Dominical.
- 6 - Introdução (Versículos e respostas seguidos de “Glória Patri”).
- 7 - Salmos em prosa e “Glória Patri”.
- 8 - Lição do Antigo Testamento.
- 9 - Cântico.
- 10 - Credo Apostólico.
- 11 - Kyrie.
- 12 - Pai Nosso.
- 13 - Sufrágios (7).
- 14 - Colectas.
- 15 - Antífonas.
- 16 - Ação de graças.
- 17 - Sermão.
- 18 - Bênção Apostólica.

Notas:

1. **Anamnesis:** Parte da liturgia que relembra a paixão de Cristo com textos bíblicos e hinos sacros alusivos.
2. **Epiclesis:** Invocação do Deus Pai para vitalizar os elementos eucarísticos. Calvino eliminou-a de sua liturgia.

Modelo de Epiclesis:

“Pai misericordioso; rogamos-te que, de acordo com a santa instituição de teu Filho nosso Salvador, sejamos feitos partícipes de seu mui bendito corpo e sangue. Envia, ó Senhor! tua bênção sobre este Sacramento para que nos seja o instrumento que exhiba efetivamente o Senhor Jesus” (Da liturgia escocesa de 1629).

3. **Litania:** A litania compõe-se de cláusulas intercessórias ditas pelo dirigente com a resposta da congregação pelo “**Kyrie Eleison**”: “Senhor, tem misericórdia de nós”. Sua origem remonta à Sinagoga. Foi muito usada na Igreja primitiva. Consta da liturgia de toda a Idade Média, e Lutero inseriu-a em sua ordem do culto com pequenas modificações e adaptações à nova elesiologia.
4. **Sursum Corda:** Era o apelo do dirigente litúrgico para que os fiéis se consagrassem a Deus: “Levantai vossos corações”, o que equivale: Dedicai-vos ao Senhor. Invariavelmente ao apelo (Sursum Corda) seguia-se a oração de consagração.
5. **Sanctus:** “Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Todo Poderoso! Plenos estão os céus e a terra de tua glória! Glória seja a ti, Senhor!” (ou: Nós também te damos Glória).
6. **Colecta:** Colecta é uma oração breve, concisa, direta, com leis estruturais definidas: **Invocação:** Tu, Senhor... **Cláusula relativa:** Que sondas os corações... **Petição:** Revela-nos qual destes dois tens escolhido... **Afirmção de propósitos:** Para preencher a vaga neste ministério e apostolado... **Conclusão:** Do qual Judas se transviou. (Ver Atos 1.24,25).

Outro modelo de “Colecta”, que conserva rigorosamente as cinco partes: “Deus todo poderoso (invocação); único que podes governar as vontades e afetos rebeldes dos pecadores (Cláusula relativa); concede a teu povo a graça de amar teus mandamentos e aspirar as tuas promessas (Petição); para que deste mundo, em meio aos acontecimentos vários e mudanças frequentes, nossas almas olhem para a felicidade verdadeira e eterna (Afirmção de Propósitos); mediante Jesus Cristo, nosso Senhor (Conclusão).

Portanto, as cinco partes da Colecta são:

- 1 - Invocação.
- 2 - Cláusula relativa.
- 3 - Petição.
- 4 - Afirmção de propósitos.
- 5 - Conclusão, que pode ser com uma doxologia.

7. **Sufrágios:** Sufrágios são diálogos entre o dirigente litúrgico e a comunidade, algumas vezes intercalados de orações. Exemplo de sufrágio da liturgia anglicana:

Ministro : O Senhor seja convosco.

Congregação : E com o teu espírito.

Ministro : Oremos: Senhor tem misericórdia de nós.

Congregação : Cristo, tem misericórdia de nós.

Todos : Oração do Senhor.

27 - Lições para a Igreja de nossos dias

01 - Em nenhuma época da Igreja a liturgia foi desordenada.

Sempre houve parâmetros para que todas as comunidades, no essencial, celebrassem o mesmo culto. Nunca a Igreja deixou a liturgia ficar à mercê de “estilos” individuais do ministro, evitando introdução, pelas portas do individualismo, de elementos estranhos ao culto ou de influências

modernizantes.

02 - Devemos fazer hoje o que os nossos antepassados fizeram.

A Igreja não pode olvidar suas raízes bíblicas do culto. Jesus declarou à mulher samaritana que a adoração mantém vínculos com o velho povo, pois a salvação vem de Israel: “Vós adorais o que não conheceis, nós (os judeus) adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4.22). O Divino Mestre universaliza o culto (Jo 4,21) e espiritualiza a adoração (Jo 4.23,24), mas não rompe o liame entre a antiga e a nova ordem cültica, pois a última procede da primeira.

03 - Nexos ou heranças da velha liturgia de Israel:

a. A idéia de um Deus presente, não invocável. No Velho Testamento o culto realizava-se no pressuposto da “presença” de Javé que, antes “tabernaculava” com seu povo; ia no meio dele. Depois, no Templo, “residia” no “Santo dos Santos”, onde recebia o culto que seus escolhidos lhe prestavam: “O Senhor está no seu Santo Templo”. A glória de Javé (Shekinah) não se afastava do lugar santíssimo. O Culto, portanto, era o meio pelo qual o adorador podia aproximar-se do Deus presente.

Na Igreja o fato se repete: “Onde se reúnem dois ou três em nome de Jesus, aí ele está” (Mt 18.20), o Deus que tabernacula conosco: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos” (Mt 28.20b).

b. **A confissão de pecados:** A oferta não podia ser oferecida sem a devida confissão de pecados a Deus por meio do sacerdote.

No novo povo de Deus também é assim: Sem confissão verdadeiramente contrita de nossos pecados a Deus por meio do Sacerdote, Jesus Cristo, não receberemos o perdão. O arrependimento leva à confissão, que não é simplesmente declaração formal de culpa, mas arrependimento sincero, contrição, entrega de nossas vidas a Jesus Cristo em “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o nosso culto racional”. Arrependimento lá, arrependimento aqui; Confissão lá, confissão aqui. O nexo permanece.

c. **Sacrifício:** Os nossos antepassados judaicos ofertaram animais, simbolicamente para nós, mas realmente para eles. A nova humanidade ofertou-se em holocausto na pessoa de Jesus Cristo, “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. A Santa Ceia nos faz lembrar tal mistério: “Isto é o meu corpo, que será partido”; “Isto é o meu sangue, o sangue da Nova Aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados”. Toda a teologia reformada sustenta que a Santa Ceia substituiu a Páscoa; logo, ela não morreu, seu conteúdo e significado foram transferidos para a Santa Ceia. Eis porque a Igreja primitiva e também a reformada deram muito valor ao “Culto do Aposento Alto”, isto é, eucarístico.

d. **O Batismo:** o batismo, para os reformados, é substituto da circuncisão. O que aconteceu com a Santa Ceia aplica-se igualmente ao batismo: Mudou-se a forma; mudaram-se os elementos, mas não se alteraram o simbolismo, o significado e o conteúdo. O que a Circuncisão realizava, em relação a Israel, realiza o Batismo em relação à Igreja.

e. **Outros elementos litúrgicos:** Os outros elementos litúrgicos do Culto de Israel como: Adoração, louvor, gratidão, súplica, intercessão, dedicação, consagração, petição... estão presentes, e muito atuais, na liturgia da Igreja.

Somos pois herdeiros de Israel, porque a nossa salvação vem dele por Jesus.

04 - Ordem fixa:

Não defendemos uma ordem rígida, inflexível, de culto. Isto seria insensato por ignorar a própria dinâmica da vida e da história. Porém, há coisas que não podem ser mudadas por fazerem parte

da natureza do fenômeno, do fato ou do ser. Exemplos: Pode-se achar a lei da gravidade muito velha, antiquada, mas não se há de mudá-la. O Batismo, a Ceia, o sacrifício de Cristo, a ressurreição do Salvador, a confissão de pecados, a recepção do perdão são coisas velhas, mas não superadas. Fazem parte do culto hoje como fizeram nos primeiros anos da Igreja. Também você não pode mudar a ordem lógica das coisas. Na ordem numérica o “dois” vem depois do “um”. Antes de o crente receber o batismo não pode tomar a Santa Ceia. Esta é a ordem lógica, teológica, psicológica e até cronológica. Na liturgia, o perdão não pode vir antes da confissão por questão de ordenação psicológica.

O Culto, portanto, possui uma ordem psicológica, que não deve ser invertida, especialmente no essencial ou fundamental: Ei-la:

28 - Ordem Psicológica do Culto

01 - Consciência da presença de Deus: Chamada à Adoração:

O crente, para que o culto seja verdadeiro e ele se integre realmente como adorador em espírito e em verdade, tem de tomar “**consciência**” de que está frente a frente com Deus numa “**audiência**” profunda e permanente. Diante de Deus o servo que não se humilha é desrespeitoso e irreverente. O primeiro gesto do súdito diante de seu rei era a inflexão. Também assim deve nossa postura na presença de nosso Rei, que não é acidental, mas permanente.

O início do culto público deve possibilitar a “consciência da presença de Deus” na comunidade e “chamá-la à adoração”.

02 - Visão da glória de Deus:

A consciência da presença de Deus possibilita a “visão de sua glória”. Não lhe visualiza a glória, não lhe reconhece a majestade quem não tem consciência de sua presença real como Criador, Salvador, objeto e sujeito do culto. O culto é como uma transfiguração, tendo Cristo no centro, os profetas e Moisés como testemunhas históricas e revelacionais, e os adoradores perplexos com o inusitado da gloriosa companhia da Trindade.

O adorador que não toma consciência da majestosa grandeza de Deus, da incrível diferença entre o humano e o divino confrontados no tempo e no espaço litúrgicos, da indescritível santidade de seu Salvador, não está preparado para reconhecer-se pecador, indigno, mortal e relativamente desprezível.

03 - Confissão:

Diante da santíssima pessoa de Cristo, objetivamente presente, segundo a promessa, (“Eis que estou convosco”), e o testemunho interno do Espírito Santo, o crente se vê na presença de Deus Pai, Todo Poderoso, de roupa suja, não preparado para festa. Olha para dentro de si mesmo e se descobre pecador, indigno de estar diante do Salvador. Esta “descoberta”, obra do Espírito Santo, leva-o a prostrar-se aos pés do Redentor em humilde confissão de seus pecados, delitos e culpas.

Como já dissemos, sem confissão, no culto vetotestamentário, não havia a oferta do animal sacrificial substituto. O pecado era antes confessado sobre a vítima para então oferecê-la em sacrifício por intermediação sacerdotal. Assim ocorre no culto da dispensação da graça: Quem se confessa a Cristo e se humilha perante sua imaculada pessoa, certamente receberá o perdão.

04 - Perdão:

Após a oferenda do sacrifício havia o conseqüente perdão. O ofertante sabia que seus pecados confessados haviam sido expiados na morte e queima da vítima. Aliviava-se e se considerava mais digno perante o Redentor. Não é diferente na Igreja de Cristo. Ela nos chama ao arrependimento e, arrependidos, confessamos-lhe os pecados e dele recebemos o perdão. No fundo da alma o crente sabe que seus pecados foram perdoados e ele conservado na comunhão dos remidos sem restrições. Cristo pode dizer ao seu servo que seus pecados foram perdoados, quando sinceramente confessados, pelo testemunho interno do Espírito Santo ou pela palavra de perdão que ele, o Verbo, fala pelas Escrituras Sagradas. Há pecados individuais e há os coletivos, comunitários. Tanto o indivíduo como a comunidade devem confessar a Deus os seus pecados.

A consciência de perdão, um gostoso alívio, conduz à gratidão, ao reconhecimento de débito, ao agradecimento, à homenagem gozosa prestada ao benfeitor, ao impulso laudatório.

05 - Louvor:

O Louvor expressa, em grau elevadíssimo, a gratidão do perdoado ao Perdoador. E isto de maneira espontânea, natural. Aflora de dentro, do íntimo, quase instintivo. Ao coração grato as coisas ficam mais impressivas, mais lindas, mais sugestivas. O mesmo hino, dominicalmente contado, torna-se belíssimo, sublime, sentimental e espiritual nos lábios do crente cujo coração é atingido pelo perdão de Cristo e repleto de gratidão. Neste estado, o fiel canta com a mente, com o coração e com o espírito. A gratidão conduz ao serviço, à dedicação, à consagração.

06 - Dedicação ou Consagração:

A gratidão é a expressão ética do amor. O grato é o que ama e procura demonstrar o seu amor por meio de alguma forma de serviço, de dádiva, de presente. O crente que sai de um culto sem vontade de servir a Cristo, de dedicar-se a ele de corpo e alma, de proclamar a sua existência, sua pessoa, seu ministério e sua deliciosíssima amizade, esteve no culto, mas verdadeiramente dele não participou e, em consequência, não se beneficiou de suas bênçãos santificadoras.

Quem ama quer sempre: Ouvir o amado falar; falar com ele; falar dele; falar a respeito dele em todas as oportunidades. O assunto do crente é o Salvador. Anseia ver todos os seus amigos e parentes gozando as mesmas graças em Cristo Jesus. Seu impulso é interceder junto ao Deus por eles.

07 - Intercessão:

A intercessão e a edificação estão no mesmo bloco psicológico. O que eu quero para mim, também almejo para os meus amigos. Edifico-me com a Palavra de Deus; por isso desejo o mesmo para eles, suplicando que Deus atue em suas vidas, segundo o beneplácito do Salvador, tanto para cura física como para a salvação da alma. O ministério da intercessão é o exercício do sacerdócio geral e individual. Cristo intercede por mim junto ao Pai; eu intercedo pelos pecadores junto ao Filho no qual me encontro, realizado e feliz.

08 - Edificação:

Edificar é construir pelo ensino, pelo consolo, pela fraternidade, pelo amor-serviço, pela dedicação, pela compreensão, pelo perdão, pela cooperação, pela sinceridade, pela amizade, pela comunhão, pelo espírito de igualdade, pelo serviço ao próximo, pela consagração a Deus, pela submissão ao Evangelho, pela união com os conservos. Um sermão pregado a uma Igreja não edificada é como voz que clama do deserto. A edificação, pois, inclui a proclamação, mas não se resume nela. Deve ser o momento do Culto em que se serve o banquete para sustento do povo de Deus e fortalecimento, principalmente dos fracos. A Santa Ceia entra no universo cúltico da dedicação. O andamento psicoló-

gico conduz o adorador ao clímax, ao estágio litúrgico da instrução, do preparo, da habilitação para as lutas duríssimas na batalha cristã contra o mal do pecado, da mundanidade, da incredulidade.

Dentro desta visão psicológica, o dirigente litúrgico caminhará a trilha natural, cremos, do espírito humano que se coloca em adoração diante de seu Augusto Criador, Salvador e Pai. Nada forçado, nada estereotipado, nada rígido, nada mecanizado. O Culto tem regras e formas: Sigamo-las sem automatizá-las.

29 - Templo, Trono de Deus

Para Israel o templo era o trono de Deus na terra, local de sua presença, sinal de sua glória, atestado de seu governo sobre seu povo, ponto de “encontro” entre o Rei dos reis e seus súditos. Esta imagem foi tão forte que constava nas visões apocalípticas tanto do Velho como do Novo Testamentos. Este trono terrestre veio a ser o símbolo do celeste, pois nele estava o Santo dos Santos, onde pousava a glória (Shekinah) de Deus. Ao penetrar o templo, o israelita era possuído de uma reverência indescritível, pois significava estar na Casa do Senhor, na presença do Deus altíssimo. Seu impulso era o de prostrar-se, confessar e adorar. Os profetas que mostraram, em visões, o tabernáculo celeste, davam, na verdade, um conteúdo escatológico ao culto no templo, tabernáculo de Deus entre homens. O culto, portanto, é uma assembléia de antecipação escatológica. Vejam que Cristo lhe dá esta dimensão quando diz, na instituição da Santa Ceia, substituta da Páscoa judaica: “Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela (a Páscoa) se cumpra no reino de Deus” (Lc 22.16). Toda vez, pois, que se celebra a Santa Ceia o quadro simbólico do culto sacrificial se repete e uma antevisão escatológica se realiza. Onde está o santuário, Jesus Cristo, aí estão seus redimidos. Essa realidade mística se configura na reunião dos crentes, sempre em Cristo, em um determinado local separado e consagrado para tal fim, o templo. O valor do templo reside no que ele contém, a comunidade dos santos, e no que nele se realiza, o culto comunitário em espírito e em verdade.

30 - Liturgia na Oração Dominical

A Oração Dominical, ensinada e recomendada por nosso Senhor Jesus Cristo, contém profundo conteúdo litúrgico e está formulada em ordem decrescente, partindo da majestade de Deus, entronizado nos céus e terminando com o homem em situação relacional de conflito com o seu semelhante e em estado de fragilidade diante do tentador. A doxologia final, “Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém”, foi usada na Igreja primitiva, muitas vezes, como responso comunitário, depois de cada petição.

Eis a ordem do superior para o inferior, do Santo e soberano para o pecador incapaz e tentado:

- a. **Contemplação da glória e da majestade de Deus:** “Pai nosso que estás nos céus”.
- b. **Reconhecimento da santidade de Deus:** “Santificado seja o teu nome”. O pecador se confronta com o “Santo” e sente a necessidade de santificar o seu nome.
- c. **Reconhecimento da existência do reino de Deus:** “Venha o teu reino”. A Igreja, reino messiânico presente, suplica a vinda do reino porvir, “maranata”.

- d. Reconhecimento do reinado de Deus tanto nos céus como na terra:** “Faça-se a tua vontade assim na terra como (é) no céu”. O pecador se inclui nos rol dos que fazem a vontade de Deus. Fazer a vontade de Deus é servi-lo, e servi-lo e prestar-lhe culto.
- e. Reconhecimento da diária providência divina:** “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”.
- f. Reconhecimento do perdão divina:** “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores”. Deus tem uma relação de perdão com o redimido para que este tenha a mesma relação com o seu próximo.
- g. Reconhecimento da proteção divina:** “Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Segue a doxologia final.

A Oração Dominical é preferencialmente comunitária; litúrgica, portanto. Ela mostra a correta postura do adorador, eleito e redimido por Cristo, diante da majestosa divindade trina: Pai, Filho e Espírito Santo. Os mesmos princípios litúrgicos fundamentais, observáveis nas teofanias e nos cultos sacrificiais do templo, estão, em princípio, na Oração do Senhor na mesma ordem:

- a.** Contemplação da glória de Deus, o santíssimo.
- b.** Consciência da presença de Deus.
- c.** Que a vontade de Deus se realize pelo testemunho e missão de seu povo.
- d.** Confissão.
- e.** Consciência do perdão divino. 6- Relações interpessoais de perdão. Convivência comunitária.
- f.** Enfrentamento do tentador e da tentação.

Pode-se, pois, organizar uma ordem de culto, muito rica e muito bíblica, baseada nos temas peticionais da Oração do Senhor e sua doxologia final.

A Oração do Senhor procura confrontar a criatura com o Criador, o pecador carente de perdão com o Salvador, o desprotegido com o seu protetor. E isto se processa liturgicamente na realidade coionica da Igreja e na vida de cada crente. Ela não pode, portanto, ser eliminada sistematicamente da ordem litúrgica. Além de ser uma ordenação de Cristo, é riquíssima em conteúdo e necessária à adoração e à compreensão do que Deus exige de nós e do que devemos suplicar a ele.

31- Importância da Ordem Psicológica do Culto

A ordem psicológica do culto é tão importante, que se faz presente nas grandes teofanias de Israel, todas dentro da idéia da presença entronizada de Deus no templo celeste e terrestre do Rei dos reis, e nas cristofanias escatológicas do Apocalipse. A noção da presença do Cordeiro e a visão de sua glória provocam, intuitivamente, a genuflexão do vidente em temor e adoração (Ap 1.1-17 com destaque do v.17). No capítulo cinco, a visão da glória do Cordeiro, impressionante cristofania, há uma liturgia cósmica seguida por outra terrestre. Primeiro, adoram-no os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos, o presbiterato celeste (Ap 5.11,12) Em seguida, todas as demais criaturas da terra e dos céus (Ap 5.13,14). O encerramento de tão faustosa liturgia dá-se com o Amém dos quatro seres viventes (Ap 5.14), os mesmos que, com os presbíteros (24 anciãos) deram início ao exuberante e reverente culto a Deus.

Os iluminados vêem a glória de Deus e sentem sua majestade, prestando-lhe, conseqüentemente, adoração e louvor. Os réprobos, vêem o fausto, a falsa grandeza das bestas emergentes respectivamente do mar e da terra e lhes prestam culto idólatra como também se prostram diante de Satanás,

o Dragão que dá poder às bestas (Ap 13.4,12).

A idéia da “presença” do além por meio de supostas “entidades”, de “espíritos encostados”, de “divindades” pretensamente representadas em ícones ou seres da natureza, levam milhares à prostração idolátrica. Os prodígios e milagres, feitos ou não em nome de Deus ou de Cristo, iludem os incautos por lhes darem impressão da “presença do divino”, e acabam adorando anticristos. Muitos, os mais infiéis e desonestos, espiritualmente falando, não procuram os “milagreiros” por causa da “adoração” a um ser transcendente, mas à procura de benefícios pessoais imediatos.

Quando estabeleci como parâmetro do culto, baseado em Isaías 6, a liturgia proposta no primeiro opúsculo, firmava-me, como se pode observar, numa visão ampla veto e neotestamentária da liturgia nascida da “manifestação” de Deus, da implantação do culto sacrificial, da necessidade da confissão de pecados, da oferenda de sacrifícios, da eleição de um povo especial e adorador. Tudo agora, porém, se consuma, liturgicamente falando, na encarnação do Verbo, na organização da “liturgia da Ceia”, na prestação do culto antecipador das coisas do fim (até que eu venha).

A ordem psicológica do culto observa-se nas teofanias, na cristofania, encarnação e presença do Cordeiro redentor, nas visões apocalípticas da Igreja escatológica tanto no estado intermediário como na consumação.

Com Rm 12.1,2 em mente, prestemos um culto racional (logikós) a Deus.

Trabalho escrito em 1993. Reescrito em 1995.

Bibliografia

- 01 - Maxwell, William D.: El Culto Cristiano. Biblioteca de Estudos Teológicos. Methopress Editorial y Grafica. Buenos Aires. Argentina, 1963.
- 02 - Martin, Ralph P. : Adoração na Igreja Primitiva. Edições Vida Nova, SP, 1982.
- 03 - Santos, Jonathan F. dos: O Culto no Antigo Testamento. Edições Vida Nova, SP, 1986.
- 04 - Von Allmen, J.J.: O Culto Cristão, Teologia e Prática. ASTE. SP, 1968.
- 05 - Edersheim, Alfredo: Festas de Israel. União Cultural Editora Ltda. SP,
- 06 - Von Rad, G.: Teologia do Antigo Testamento. ASTE, SP, 1973.
- 07 - Davies, G. Henton: Worship in the OT; artigo em The Interpreter's Dictionary of the Bible. Abingdon Press. New York, 1962.
- 08 - Cronbach, Abrahan: Worship in NT Times. Artigo em “The Interpreter”'s Dictionary of the Bible, Abingdon Press, N.Y., 1962.
- 09 - Richardson, C.C.: Worship in the Times Christians. Artigo em The Interpreter's Dictionary of the Bible. Abingdon Press,, N.Y., 1962.
- 10 - Davies, G. Henton: Theophany. Artigo em The Interpreter's Dictionary of the Bible.
- 11 - Sonne, I.: Synagogue. Artigo em The Interpreter's Dictionary of the Bible.
- 12 - Richardson, Alan: Introdução à Teologia do Novo Testamento. ASTE, SP 1966.
- 13 - Kaiser Jr., Walter C.: Teologia do Antigo Testamento. Edições Vida Nova, SP, 1980.

- 14 - Erhard, S. Gerstenberger (Organizador): Deus no Antigo Testamento. ASTE, 1981.
- 15 - Von Groningen, Gerard: Revelação Messiânica no Velho Testamento. Luz para o Caminho. Campinas, SP.
- 16 - Calvino, João : As Institutas ou Tratado da Religião Cristã. CEP. Tradução de Waldyr C.Luz.
- 17 - Artigos sobre Culto, Adoração, Louvor, Sacrifícios, Perdão, Confissão, Sinagoga, Templo, Tabernáculo, holocausto e outros nos seguintes dicionários:
 - 01 - O Novo Dicionário da Bíblia. Junta Editorial Cristã.
 - 02 - Dicionário de Teologia, Grand Rapids, Michigan.
 - 03 - Dicionário da Bíblia, John D. Davis, JUERP.
 - 04 - Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã, Ed. Vida Nova.
 - 05 - Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Ed. Vida Nova.
 - 06 - Vocabulário Bíblico, Von Allmen, ASTE.

APÊNDICES

Apêndice I - Louvor

Louvor, para a nova geração de evangélicos, é cantar muitos corinhos, geralmente sem nenhuma ordenação temática ou coordenação litúrgica. Simplesmente cantar. Se o tempo da seção de cantos é menor: “Louvorzinho”. Se maior: “Louvorzão”.

Muitos entendem que o “louvor” é uma espécie de externalismo do contentamento interno do espírito que, reprimido, explode em cânticos lúdicos, algumas vezes de incontrolável hilaridade. Há os que definem “louvor” como “gradidão a Deus”. uma forma alegre de agradecimento. São conceitos e definições parciais de louvor. Este, para Israel e para a Igreja primitiva, significava a totalidade da consagração do servo ao seu Senhor. Cantar louvores era uma parte significativa do culto, mas não se constituía em única e nem a principal delas, pois todos os atos litúrgicos eram atos de louvor. É significativo que o verbo louvar em hebraico (hôdah), traduzido pela Septuaginta por “aineo” e “eucharisteo” tem a conotação básica, primária, de “confessar” (Gn 49.8; I Cr 16.7,35,41; 23.30; II Cr 5.13; 7.3; 31.12; Is 38.18). Outras temas litúrgicos do culto vetotestamentário podem ser traduzidos, eventualmente, por louvor. Ei-los: “Barak”, abençoar, pronunciar uma bênção (Sl 100.4): “Sabah”, louvar, elogiar, enaltecer (Sl 117.1; Dn 2.23; 5.23); “Rûa”, aclamar, clamar, gritar (Jó 38.7). Aqui, a mim me parece, a tradução da Bíblia de Jerusalém é mais correta: “Entre as aclamações dos astros da manhã e o aplauso de todos os filhos de Deus”? Ainda temos “sôr”, cantar (Sl 106.12), mas nem todos os hinos do saltério eram de louvor a Deus. Havia os de louvação do rei.

01 - Louvor existencial:

Israel foi retirado de entre as nações para ser um povo exclusivo de Deus, andar em sua presença e louvá-lo continuamente pela permanente e incondicional serviçalidade. A vida do servo de Deus, pela submissão obediente e espontânea ao seu Senhor, é, em si mesmo, um “louvor” ao Pai, Criador, Salvador e Rei. A criar a humanidade em Adão e Eva, quis Deus que ela lhe fosse inteiramen-

te fiel e que cada ser humano tivesse como fim principal louvá-lo continuamente por sua existência direcionada pela fidelidade, honestidade, integridade, consagração irrestrita, comunhão restrita, santidade imaculada. A queda, porém, rompeu os laços da criatura com o Criador. O homem, alienado de seu Pai, corrompeu-se, isolou-se em si mesmo, caiu em miséria moral e espiritual, pecou. Pelos pactos noético e abraâmico Deus pretendeu reorganizar um povo exclusivamente seu, zeloso e de boas obras, que lhe cultuasse com exclusividade. Não foi possível em consequência da fragilidade do homem. Deus, depois de retardar a promessa com o cativo egípcio, recolheu o seu povo, frágil e recalcitrante, ao pé do Monte Sinai; firmou com ele um novo pacto e lhe concedeu normas pactuais pela lei, para que não alegassem ausência de princípios reguladores e paramétricos de comportamentos éticos, morais, sociais, políticos, litúrgicos e espirituais. Foi um pacto de grande responsabilidade bilateral, mas Israel fracassou. Deus então, mantendo os fundamentos do pacto sinaítico, enviou um seu Jesus Cristo, o Filho do Homem, que, por sua encarnação, vida, morte e ressurreição, recriou uma nova humanidade de regenerados, constituída de servos para o serviço do louvor perpétuo nesta e na existência eterna. O crente, pois é, obrigatoriamente, uma vida de louvor, uma carta viva de Cristo, um culto perene ao Salvador pelos seus atos, pensamentos, palavras, feitos e diaconia. Salgar, fermentar, iluminar, são formas existenciais de louvor. Não há separação ou dicotomia entre vida verdadeiramente cristã e adoração, porque o viver em Cristo é “logikè latréia” (Rm 12.1 cf Rm 6.13).

02 - Em tudo dai graças.

Louvor para Israel, e também para a Igreja, não era um determinado momento de cânticos alegres, laudatórios, mas a totalidade do culto na integralidade da vida do salvo-servo e nos serviços litúrgicos. Assim temos:

a. Confissão de louvor: O louvor era, em Israel, prioritariamente, uma confissão sincera de fé e de pecado. “O verbo “hodah”, traduzido geralmente por “louvar”, significa, na realidade, “confessar, reconhecer, aprovar, e se refere sempre a um fato divino acontecido anteriormente” (Von Rad, Teologia do V. Testamento, VI. I, pág. 342. ASTE, SP, 1973).

Pela confissão de fé e de pecados o fiel colocava-se, e ainda se coloca, perante o Salvador sem reservas, transparentemente, despido de qualquer hipocrisia e dominado somente pela verdade e pela sinceridade. Confissão insincera não é louvor, pois não se constitui em reconhecimento completo e entrega total. Confissão significa que o crente não mais se esconde de Deus e nem oculta dele seus erros, falhas, delitos e desejos pervertidos. Toda a adoração em Israel começava com a confissão de fé e de pecados. Nenhuma vítima se consumia no fogo do altar sem portar os pecados confessados do pecador substituto. E confessar é louvar, pois implica em submissão, reconhecimento, humilhação, prostração diante do Salvador e confiança de que o perdão, emanado do único que pode perdoar, certamente virá como resposta restauradora. E vem. Por que Israel considerava a confissão como ato de louvor? Por ser: a- Reconhecimento do poder de Deus. b- Reconhecimento de que o pecado é ofensa à divindade. c- Reconhecimento de que somente Deus perdoa o pecador confesso. d- Reconhecimento de que há uma relação de dependência da criatura com o seu Criador. e- Reconhecimento de uma relação servil do servo com o seu Senhor. f- Inteira submissão do salvo ao Salvador.

b. Sacrifício de louvor: Além do louvor costumeiro da confissão, força emuladora do culto, a liturgia de Israel possuía, por ordenação divina, o chamado “sacrifício de louvor” (Lv 7.11-25) em que os pães sem fermento e a vítima sacrificial eram oferecidos a Deus, o Confessor, o Perdoador, O Salvador, em ação de graças pela existência do ofertante e sua permanência na presença do Rei de Israel. Este sacrifício era, na verdade, uma confissão de fé, liturgicamente formalizada, no Deus de Israel, o poderoso Senhor, que retirou seu povo do Egito com mão forte e braço estendido. O autor da Carta aos Hebreus retoma tal simbolismo, mostrando que ele se transformou em realidade para o cristão autêntico: “Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o

fruto de lábios que confessam o seu nome” (Hb 13.15). Sacrifício de louvor, pois, “é o fruto de lábios que confessam o nome de Cristo”. A confissão de fé pela qual nos tornamos servos de Deus e ingressamos na Igreja de Cristo e nela permanecemos é nossos “sacrifício de louvor”, mas com autenticidade e seriedade. Por outro lado, a leitura de um texto bíblico confessional no contexto litúrgico ou a recitação do Credo dos Apóstolos são procedimentos de louvor a Deus.

c. Louvor de julgamento: O judeu condenado, antes de ouvir a sentença de julgamento, tinha de louvar o justo Juiz. O exemplo mais claro é o de Acã: “Então disse Josué a Acã: Filho meu, dá glória ao Senhor Deus de Israel, e a ele rende louvores; e declara-me agora o que fizeste; não mo ocultes. Respondeu Acã a Josué e disse: Verdadeiramente pequei contra o Senhor Deus de Israel, e fiz assim e assim” (Js 7.19,20). A confissão de pecados de Acã, reconhecendo-se faltoso, traidor da confiança de Javé, foi um ato de louvor que Von Rad chama de “Confissão de Louvor” (hodah todah). Nessa confissão, o “louvor” não contém na da de agradecimento, de gratidão, de regozijo; é um louvor penitencial extremamente grave, contundente, penoso, doloroso, mas que o Justo Juiz requer para que o condenado reconheça a justiça irretocável e necessária do julgamento. Reconhecer a soberania de Deus tanto para perdoar como para condenar é atitude de louvor. Não se trata de louvor agradável, mas irremediável. O crente tem de saber, mesmo com sacrifício de sua vida, que Deus é a verdade, a justiça e o amor absolutos.

d. Louvor de aceitação: É o caso de Jó que, depois de receber as mais trágicas notícias, as que davam conta de perdas irreparáveis de seu patrimônio, empregados e filhos, prestou a Deus um “louvor de aceitação”: “Então Jó se levantou, rasgou seu manto, rapou a cabeça, lançou-se em terra e adorou; e disse: Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei: o Senhor o deu, o Senhor o tomou: bendito (louvado) seja o nome do Senhor” (Jó 1.20,21). Os conceitos de que o louvor é apenas um agradecimento a Deus por “boas dádivas” (a juízo do crente), “expressão de elogio” ao Salvador ou “explosão de alegria” do crente não são bíblicamente corretos. Jó louvou o seu Deus por fatos trágicos, mas reconhecidos por ele como de procedência divina, embora inexplicáveis. O louvor de Jó foi prestado em estado de profunda tristeza de consternação intensa: nada de alegria jubilosa. O servo de Cristo tem de ser capaz de “louvar a Deus”, mesmo em circunstâncias de penúria, de juízo, de tristeza, de falência, de pobreza, do sofrimento, de enfermidades e de dor.

e. Louvor de expectativa de livramento: O crente verdadeiro, confrontado com uma situação de conflito ou diante de um problema humanamente insolúvel, jamais descrê da resposta divina, seja sim ou não, e louva a Deus do bojo da crise como Jonas o fez no ventre do grande peixe. “E tudo daí graças”. Foi assim com Jesus no túmulo de Lázaro: “E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças de dou porque me ouviste (Jo 11.41). Não louvor de agradecimento, mas de esperança, de confiança e de certeza da resposta do Deus que sempre nos ouve e nos atende segundo sua soberana vontade e conforme as nossas necessidades, jamais de acordo com os nossos desejos, nossos conceitos de bem e nossos preceitos de bênção. Deus, comprovadamente, já nos ouviu no passado, transportou-nos das trevas para o reino do Filho de seu amor. Logo, podemos ter certeza de que está nos ouvindo e nos responderá. E, na expectativa de sermos atendidos, louvamo-lo e exaltamos o seu nome.

f. Louvor eucarístico: “Eucharisteo, eucharistia”, significam louvar e louvor a Deus. A Ceia do Senhor recebeu o nome de “eucaristia” por causa do louvor de Cristo no ato de sua instituição: “E, tomando o cálice, havendo dado graças (eucharistêsas), disse: Recebei e reparti entre vós” (Lc 22.17). O mesmo louvor se registra no ato distributivo do pão (Lc 22.19). A celebração da Ceia, portanto, é um louvor a Deus, de natureza confessional e escatológica, por meio de Jesus Cristo, que não pode ser esquecido por sua Igreja.

g. Louvor de gratidão: O grato louva, não somente por bênçãos pessoais, mas pela providência divina e pelos feitos abençoadores e redentores de Deus no mundo, na história e na Igreja. Tal louvor, porém, não se restringe à gratidão e ao contentamento pelas bênçãos recebidas, mas, e princi-

palmente, pelo grande livramento por meio da obra redentora de Cristo Jesus. No Velho Testamento temos memoráveis cantos de vitória e de júbilo: O de Moisés (Ex 15.1-19). O de Míriam (Ex 15.20,21). O de Débora (Jz 5). No Novo Testamento: O “Nunc Dimittis” de Simeão (Lc 2.29-32). O “magnificat” de Maria (Lc 1.46-55). O “benedictus” de Zacarias (Lc 1. 68-79). Todos os cânticos mencionados incluem gratidão, esperança, confiança em Deus e confissão de fé. A jubilação do salvo é uma realidade, mas ele louva o seu Deus em todas as circunstâncias de sua vida e da existência de sua Igreja. Reduzir, porém, o louvor a cânticos somente é não compreender a natureza do culto e os vários propósitos do louvor, presente em todas as atividades da Igreja e de cada um de seus membros. Cantar louvores nos momentos de alegrias, sim; mas deixar de fazê-lo nos momentos de angústia e tristeza, não. O crente que somente louva por regozijo é edonista, possuindo uma fé muito frágil., que floresce nos tempos de jubilação e fenece nos momentos de tragédia. “Em tudo dai graças”, isto é, louvar em todas as circunstâncias.

h. Louvor de satisfação: Os conceitos de auto-afirmação religiosa, de sublimação espiritual por esforços próprios, de santificação por méritos pessoais podem levar o falsamente piedoso a palavras e gestos de louvor, e “testemunhos” beatíficos, até sinceros, e à exibição de si mesmo como modelo dos supostamente fracos, sujos e inferiores. Foi o que Jesus Cristo retratou na parábola do fariseu e do publicano. O fariseu “louvou” a Deus: “Ó Deus, graças te dou (eucharistô soi) porque não sou como os demais homens” (Lc 18.11). Há, ainda hoje, pessoas que se colocam, `semelhança do fariseu, orgulhosa e exaltadamente, como símbolos de santidade, de perfeição espiritual, gente que nada mais têm para confessar, humildemente, a Deus. Quem se auto justifica não é justificado.

i. Louvor jubiloso: *“Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”* (I Ts 5.16-18). Observem as três ordenações imperativas: 01- Regozijai-vos sempre. 02- Orai sem cessar. 03- Em tudo dai graças, isto é, a vida do crente é: Um permanente louvor; uma oração ininterrupta; uma gratidão constante.

O louvor jubiloso não pode ser apenas intermitente, programado para uma determinada hora e marcado para um local específico. Não se o limitará exclusivamente a “louvores sacros” ou pretensamente sacros. A presença do Espírito Santo no interior do regenerado confere-lhe um permanente estado gozoso (I Ts 1.6), mesmo no meio de tribulações, incertezas e angústias. Perder o gozo da esperança e a paz interna, que procedem da graça em Cristo Jesus, é “apagar o Espírito” para cair, conseqüentemente, em desesperada insegurança e em falta de perspectivas espirituais. O crente verdadeiro, naturalmente, por impulsão de sua natureza regenerada, exercita as três ordenanças paulinas: Regozijo permanente e ininterrupto; vigilância em persistente oração: gratidão sem limitação. O crente que só pede bênçãos pessoais e temporais; só agradece a Deus as coisas boas que recebe, a seu juízo, não passa de falso servo, pois seu interesse é ser servido não servir. O autêntico salvo é sempre grato ao Salvador; louva-o permanentemente com sua vida regenerado e com o culto perene que lhe presta por sua existência e com sua adoração individual e comunitária. Canta às vezes com os lábios, mas não cessa de cantar com o espírito pois nele Cristo habita com sua eterna glória, dando-lhe imarcescível esperança. Cristo colocou no ser do redimido a essência da nova vida: Fé, esperança, amor, paz, benignidade, gozo, satisfação, fidelidade e justiça. O Espírito Santo no crente gera o desejo de culto e de adoração em espírito e em verdade, sem qualquer ostentação, egocentrização, edonismo ou mercantilização, isto é, permuta da piedade por benesses divinas.

Apêndice II - Oração

01 - Oração, Dom de Deus.

A oração, à semelhança da fé, é um dom de Deus, para que, em espírito, o filho redimido se mantenha em diálogo constante e em comunhão permanente com seu Pai celeste em quaisquer situações ambientais e variações emocionais. A oração está na vida da comunidade e do crente e não apenas em situações litúrgicas, verbalizações ocasionais, circunstanciais e oportunistas. Oração sem comunhão com Deus nada significa, nada representa espiritualmente. O desejo e a necessidade de orar incessantemente são características do regenerado.

02 - Oração, Obra do Espírito.

A oração é obra do Espírito em nós, não produção de nosso intelecto, de nossa razão ou de nossa emoção (Rm 8.15,26; Gl 4.6). Jesus coloca, por meio do Espírito Santo, em seu Corpo, Igreja, e em cada um de seus membros a liturgia e a oração (Ef 6.18; Jo 4.23,24 cf Rm 1.8; 7.25). Portanto, quem abre a alma do crente à oração é Deus (Sl 51.15). Pertinente, pois, nos parece a definição de J.J. Von Allmen: “Oração é a partilha voluntária que Deus faz conosco de sua vontade, de seu poder e de seu amor por meio da palavra humana”. Deus opera tudo em todos, tanto o querer como o realizar.

03 - Efeitos da Oração.

O exercício intenso e continuado da oração produz na vida do servo de Deus os seguintes resultados: a- Pleno reconhecimento da paternidade divina. b- Certeza de que Deus recebe todas as nossas orações, suplicativas ou intercessórias, e as responde positivamente, isto é, sempre para o bem de seu eleito, mesmo que a resposta positiva lhe seja um “não” contundente. A positividade da resposta pertence a Deus. A nós nos compete a aceitação com humildade e resignação, pois não sabemos orar como convém (Rm 8.26). c- Submissão incondicional à soberana vontade de Deus, seguindo o Modelo, Jesus Cristo. A vontade e os desejos da criatura não podem prevalecer diante do Criador, que dela dispõe como lhe aprouver, segundo os seus propósitos. d- Consciência plena de que diante do Onipotente Criador, eterno, absoluto, imutável e infalível em seus decretos, planos, vontade, atos e palavras, o redimido se coloca dentro de seu estado real: Pecador, mortal, impotente, ineficiente, incapaz, limitadíssimo. A oração não é o recurso da virtude humana pelo qual a criatura manobra o Criador, mas uma concessão da graça divina para que o regenerado se mantenha sob a regência e cuidados do Regenerador. Poder falar com Deus em oração é uma graça, um privilégio, jamais um direito ou um poder da finita, falível, limitada e mortal criatura humana. Como não se imagina um soldado comandando um general, não se há de pensar a criatura dando ordens ao Criador.

Os infortúnios não silenciam o verdadeiro crente, não lhe tiram dos lábios o culto ao Redentor. Como nada nos separa do amor de Cristo, nada impede a oração do crente real, que, nos sofrimentos e na angústia, eleva ao Salvador tanto as preces súplicas como as gratulações. É o milagre da graça!

04 - Tipos de Oração.

O culto sinagoga de Israel possuía dois modelos essenciais de oração:

- a. **Shemah** (Dt 6.4-9 cf 11.13-21; Nm 15.37-41).
- b. **Tephilah** ou Oração das Dezoito Bênçãos em que as três primeiras são de reconhecimento da grandeza, do poder e da santidade de Deus; a penúltima é de ação de graças; a última, uma doxologia sobre o grande e indiscutível autor da paz.

Jesus ensina que a oração deve ser:

- a. **Discreta**, não servindo para projeção do ego de quem ora (Mt 5.5). Oração na comunidade não é discurso público, mas diálogo com Deus de forma direta e simples.
- b. **Íntima**. A oração é a expressão externa de um elo secreto estabelecido pelo Espírito Santo entre o ser adorado e o adorador (Mt 5.6).
- c. **Objetiva e curta**. A oração não deve ser longa, repetitiva, discursiva, explicativa. Não é pelo muito falar que seremos ouvidos, e Deus não precisa de nossas explicações e descrições de fatos. Ele é onisciente, conhece as nossas necessidades atuais e aquelas que teremos no futuro (Mt 5.7).

05 - Paulo, Teólogo da Oração:

Paulo é o autor neotestamentário mais preocupado com a oração, especialmente a comunitária. Nele encontramos os seguintes aspectos da oração litúrgica:

- a. **Doxologia de glorificação** (Rm 1.21; 4.20;11.36; 15.6,9; 16.25-27; I Co 6.20; 10.31; II Co 1.20; 4.15; 9.13; Gl 1.5,24; Ef 3.20,21; Fp 1.11; 2.11; 4.20).
- b. **Louvor** (Rm 14.11; 15.9-12; Ef 1.6,12,14; Fp 1.11; 2.11). Paulo usa o mesmo verbo para louvar e confessar: “Exomologeomai”.
- c. **Bendizer, bênção, benedictus**: (Rm 1.25; 9.15; I Co 14.26; II Co 1.3,4; 11.31; Ef 1.3).
- d. **Adoração** (I Co 14.25).
- e. **Ação de graças** (Rm 1.8,21; 6.17,18; 7.25;14.6; I Co 1.4,14; 10.30;11.24; 14.6,7,18; II Co 2.14; 4.15; 8.16,17; 9.11,12; Ef 1.15,16; 5.4,20; Fp 1.3,4; 4.6; Cl 1.3; 2.5,7; 3.15; 4.2; I Ts 1.2; 2.13; 3.9; 5.18; II Ts 1.3; 2.13; Fm 4)
- f. **Exultação e gozo** (Rm 5.2,3,11;15.17; I Co 1.29; II Co 1.12; 7.4; Fp 1.26; 2.16; 3.3; I Ts 2.19).
- g. **Súplica, pedido pessoal** (Rm 1.10; 7.24;I Co 14.13; II Co 12.8; I Ts 3.10)
- h. **Intercessão** (bênção ou maldição) (Rm 1.7, 9,10; 8.15,16,23,26,27,34; 9.1-3; 10.1; 11.2-5; 12.12, 14; 15.5,6; 13.30-33; 16.20; I Co 1.3,8; 2.9-16; 5.3,11,10,25,29; 16.22,23; II Co 1.2,7,11,14; 13.7,9,11,14; Gl 1.3,8,9; 4.6; 6.16,18; Ef 1.2,16-23; 3.14-19; 6.18; Fp 1.2,4,9; 4.6,7,9,23; Cl 1.2,3,9-11,29; 2.1-3,5; 4.2,12,18; I Ts 1.1,2,3; 3.10-13; 5.17,18,23-25,28; II Ts 1.2,11,12; 2.16,17; 3.1-3,5,16,18; Fm 3,4,6).

Como se notou, a Oração é bem definida e ordenada nas Escrituras. Deus requer ordem e especificação. Cada parte em seu lugar próprio na estrutura litúrgica.

06 - A Oração na Ordem Litúrgica.

Muitos irmãos ainda não aprenderam que a liturgia comunitária é um todo composto de partes distintas. No Culto há momentos específicos de adoração, confissão, ação de graças, louvor, consagração e intercessão. Desorganiza a liturgia uma oração desviada de seus objetivos e deslocada de seu momento adequado. É muito comum pedirmos um irmão que ore, por exemplo, em confissão, e ele louva, agradece, intercede, suplica perdão de pecados, até sem confessá-los. Não, oração de confissão deve ser exclusivamente de confissão como a de adoração precisa ser especificamente de adoração. Restringir-se ao assunto proposto significa que aquele que ora compreende a ordem do culto e com ela colabora. O que se diz aqui da oração vale também para os hinos, muitas vezes inadequadamente escolhidos, desorganizando o conjunto litúrgico. Não se há de cantar um hino de louvor ou de adoração no momento de intercessão. Exemplos orientadores:

07 - Oração de Adoração:

Momento em que a Igreja é colocada pelo Espírito Santo diante de Deus como serva adoradora. Exemplo: *Senhor, sentimos a beleza, a majestade, a santidade e a glória da tua presença. Por isso te adoramos face a face trazidos pelas mãos de teu Filho e congregados pelo teu Santo Espírito. Tu és Espírito, e importa que teus adoradores o adorem em espírito e em verdade. Adoramos-te em nome de teu Filho Jesus, Nosso Senhor. Amém!*

08 - Oração de Confissão:

Momento em que a Igreja confessa seus pecados. Como povo de Deus constituído de pecadores, a Igreja peca, algumas vezes por infidelidade e outras por omissão. Ela reconhece suas fraquezas e confessa publicamente seus pecados pela boca de um de seus membros. Exemplo: *Senhor, tu nos constituíste em tua família para sermos um só corpo, vivermos em perfeita e santa unidade, proclamarmos o teu Evangelho, mas a vaidade, a inveja, o orgulho e a ostentação separaram-nos uns dos outros e, em consequência, não pregamos a tua palavra com o nosso exemplo de unidade, fraternidade e santidade. Queremos fazer o bem, mas o pecado nos impede. Perdoa-nos, Pai, em nome de teu Filho Jesus. Amém!* Na verdade, a **oração de confissão** divide-se em duas partes: A primeira, expõe a Deus, sem reservas, inibições e truques, todos os pecados conscientes e também os inconscientes, mas conhecidos por Cristo, que estão impedindo o crescimento espiritual da Igreja e de cada um de seus membros. A segunda, é o sincero pedido de perdão. O Salmo 51 nos mostra exatamente esse tipo de oração (contrição-perdão). **Confissão:** “Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos; de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar. Eu nasci na iniquidade e em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51.4,5). **Pedido de perdão:** “Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve. Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que exultem os ossos que esmagaste. Esconde o teu rosto dos meus pecados, e apaga todas as minhas iniquidades. Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável. Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da tua salvação, e sustenta-me com um espírito voluntário” (Sl 51.7-12 cf 51.1-3). Confissão e súplica de perdão fazem parte do mesmo conjunto.

Os pecados pessoais e íntimos devem ser confessados a Deus pessoal e intimamente, não em culto público. Porém, se o pecado individual é contra a comunidade ou lhe afeta a ordem, a dignidade e a pureza, deve ser confessado, especialmente no momento de oração silenciosa de confissão.

09 - Oração de Louvor:

Momento em que a Igreja reconhece a gloriosa soberania de Deus nas obras da criação, da providência, do governo, da redenção, do perdão e da graça. Exemplo: *Senhor, a Igreja te louva porque é tua filha, e a ela deste olhos para ver e coração para sentir as tuas infinitas grandezas, o teu imensurável amor e a tua incomparável misericórdia. Louvado seja sempre o teu nome. A mesma Igreja que te exalta nos céus, louva-te na terra. Recebe, Senhor, o louvor, embora imperfeito, de teu povo em nome de Jesus, teu Filho amado. Amém!*

10 - Oração de Ação de graças:

Momento em que a Igreja agradece bênçãos recebidas pela comunidade e por qualquer de seus membros. Exemplo de ação de graças geral: *Agradecemos-te, Senhor, a vida física pela qual nos relacionamos com a natureza e com a sociedade. Agradecemos-te a vida espiritual, a nossa comunhão contigo e a fraternidade comunitária. Agradecemos-te a Igreja e a família por serem bênçãos em nossas vidas e indispensáveis à nossa existência. Agradecemos-te todas as dádivas materiais, espirituais, sociais e econômicas, inclusiva as graças da salvação, da esperança, do amor e da fé. Externamos a nossa sincera gratidão a ti em nome de Jesus, teu Filho, nosso Salvador.*

Amém! Pode-se e se deve fazer oração de ação de graças específicas por bênçãos especiais recebidas ou por algo que se obteve na ordem natural como: Aniversário, casamento, Dia das Mães, aquisição de imóveis, recuperação da saúde e tantas outras.

11 - Oração de Intercessão:

Momento em que a Igreja, como sacerdócio universal por ordenação divina, intercede por ela mesma, pelos seus membros, pelas autoridades, pela pátria e pelo mundo. Exemplo: ***Pai, a Igreja, ministra tua, intercede, por mediação de teu Filho, pela pátria, carente de governos honrados e de submissão à tua palavra; pela Igreja evangélica, que nela colocaste, para que seu testemunho seja mais autêntico e sua missão mais eficaz; pela Igreja Presbiteriana do Brasil, para que sejamos uma só alma, uma só mente e um só coração; pela Igreja local, para que nela haja unidade, santidade e fraternidade entre os irmãos; pelos enfermos físicos e espirituais, para que recebam de tuas mãos a bênção da cura. Recebe, Pai, o clamor de teu povo em nome de teu Filho Jesus. Amém!***

Toda oração deve ser dirigida ao Pai em nome do Filho. Jesus, como Sumo Sacerdote, é o mediador de nossas preces e está conosco, onde quer que dois ou três se reúnem em seu nome, ao mesmo tempo que se encontra no céu, à mão direita do Pai, no Santo dos Santos celeste, e intercede por nós.

Lembretes:

a) A oração deve ser breve, concisa e objetiva (Ec 5.2; Mt 6.7; Mt 23.14), feita em voz bem audível para que a comunidade toda possa dizer conscientemente: Amém!

b) Orar em nome de Cristo não significa exercer procuração em seu lugar, como pensam muitos, mas submeter-se à sua mediação com muita humildade. O crente ora ao Pai por meio do Filho, não como seu substituto.